

ABRIL
AGOSTO
2016

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO ABR-AGO 2016

ABRIL AGOSTO 2016

A relação que cada um de nós tem com uma obra de arte é absolutamente singular. Depende de imensos fatores, uns interiores a nós próprios, outros exteriores, uns que dizem respeito à obra de arte, outros que se relacionam com as circunstâncias do nosso encontro com ela. E por aí fora. Cada um de nós é diferente de todos os outros.

Essa relação provoca-nos estados de espírito muito diferentes. De alegria ou de dor, de familiaridade ou de estranheza, de aceitação ou de rejeição, de perplexidade ou de compreensão. Não estou a expressar dicotomias. Não são coisas que se oponham. São meros exemplos da variedade, a que poderia acrescentar muitos mais.

O que escrevi nos dois parágrafos anteriores serve-me para justificar que acho que o encontro entre nós e a criação artística é coisa muito séria, que mexe, ou pode mexer, com o mais profundo que há em nós. Mesmo se esse encontro se traduz em simples entretenimento, numa maneira mais ou menos agradável de passar o tempo em que não estamos a trabalhar, ou a tratar da nossa sobrevivência e da dos nossos próximos.

A obra de arte está aqui tomada num sentido muito amplo, que vai do livro à pintura, do espetáculo de teatro ao da dança, da *performance* à instalação, do monumento ao edifício contemporâneo, de uma peça de *design* a um filme ou videoclip, etc. etc. A imaginação humana é imensa e está sempre viva em cada um. A criação é um produto da imaginação, pelo que dela recebe essa enorme potencialidade.

Noto que as obras de arte oferecidas ao público, atualmente, são com muita frequência incluídas em festas e festivais. Há-os para todos os gostos. Em todos os sítios. Incluindo na Culturgest. Sobre os mais variados temas ou agrupando os mais diferentes tipos de obras. Toda a gente o sabe.

Porque é que isso acontece e quais são as suas consequências para artistas e público?

Acho que acontece por muitas razões. Uma das principais é porque os “programadores”, isto é, quem faz essas propostas, acham que dessa forma o público ocorre em maior quantidade. Vai mais gente do que se se apresentassem as obras fora de um conjunto e de um período de tempo curto. Outra é porque entendem que por causa do entusiasmo que um festival levanta nas pessoas que a ele aderem, podem incluir obras que suscitam o apetite que não seriam capazes de evocar caso fossem apresentadas sozinhas. Outra ainda relaciona-se com motivos económicos ou políticos. É porventura mais fácil, julga-se, encontrar financiamento para um festival do que para uma programação anual. Um festival, pela sua componente recreativa, é mais popular ou capaz de marcar a agenda cultural de uma cidade.

Não tenho nada contra a ideia e a forma festival. Há uns de que gosto, outros não, como qualquer pessoa. O que me faz pensar é o efeito que a multiplicidade desses certames pode estar a ter sobre nós.

Receio que, por causa dessa abundância, se esteja a incutir uma visão permanentemente festiva da relação entre a obra de arte e cada pessoa. Como se o nosso encontro com ela só pudesse ocorrer numa certa superficialidade decorrente de uma exaltação permanente, ou do *zapping*, ou da mundanidade, ou do atordoamento, ou de ter muita coisa à mão.

Creio que a relação que estabelecemos com a criação carece, em geral, de um ambiente interior de um algum recolhimento. E precisa de tempo. Não é compatível, para muita gente, por exemplo, ver três ou quatro espetáculos numa semana ou uma dúzia de filmes. É uma convicção que tenho a partir da minha experiência e do que tenho sobre ela

conversado. Há sempre exceções. Conheço, por exemplo, pessoas que aprenderam cinema a ver centenas de filmes na Cinemateca Francesa (não havia Cinemateca em Portugal, nesse tempo, nem Escola de Cinema, nem filmes que não fossem censurados) a um ritmo alucinante, porque era preciso aproveitar ao máximo a ocasião.

Eu nunca seria capaz de o fazer. Cada pessoa reage de maneira diferente. Não estou a defender que se acabem os Festivais ou as Festas, estou a colocar uma dúvida que me parece poder interessar as pessoas que costumam ver espetáculos, ler livros, ir a exposições, frequentar festivais.

Não tenho nada contra uma forma alegre e despreocupada de relacionamento com as obras de arte. O que me parece exagero é que se vá solidificando a convicção de que essa é a melhor, ou a única ou a predominante maneira de se estabelecer essa relação.

É frequente chamar-se a um espetáculo, uma exposição, um disco, um livro de “produto cultural”. Não gosto da expressão. Como não gosto de outra derivada: “consumo cultural”.

São expressões da economia, do discurso económico. Um ponto de vista e uma linguagem que tem invadido tudo o que diz respeito ao humano. Da saúde ao ensino, da cultura à política, do casamento ao divórcio, etc. etc. Tudo é visto de uma perspetiva económica, valorado por juízos moldados pela economia. “É a economia, estúpido” (frase cunhada por James Carville, consultor da campanha de Bill Clinton). Pois. Acho que não devia ser.

Se consideramos a obra de arte e o nosso relacionamento com ela como um ato de consumo, aproximamo-los a mercadorias e tendemos a tratá-los como outro consumo qualquer. Serve o momento. E não é assim. Não deve ser assim, para que a nossa vida possa ser mais rica e responda à nossa imaginação.

Dir-me-ão: “Bem prega Frei Tomás, faz o que ele diz, não faças o que ele faz”. Pois que é verdade que trouxe para Lisboa o que chamámos de Festa da Música. Um festival e uma festa, com concertos a toda a hora em

muitas salas. Exatamente o que me faz agora interrogar. Só posso falar por mim. Aqueles dois dias, dois dias e meio, eu vivia-os em permanente exaltação. Não era só por causa da organização, da ansiedade que resultava do medo que as coisas corressem mal. Era pela música que ouvia, maravilhosa e maravilhosamente interpretada. A recordação que guardo é de um prazer imenso, de concertos que nunca mais esqueci, de obras que descobri, de interpretações que não suspeitava.

Mas então, como é?

Não tenho nada contra a exaltação, sobretudo na música. Diferente seria, julgo, se se tratassem de espetáculos de teatro. Na música a comunicação é só auditiva. Não há palavras. A emoção é muito particular. A música pede recolhimento e concentração. Mas, em geral, não problematiza a vida. Pode-se ouvir música muitas horas e sempre com prazer e intensidade.

E há festivais a que gosto de ir, é claro.

O que me leva a refletir é, como já disse e repito, a quantidade. A repercussão que essa quantidade, ecoada pela comunicação, tem ou pode ter na forma como se generalize um certo tipo de abordagem à obra de arte.

Provavelmente este meu ponto de vista não é partilhado por muita gente. Não me preocupa. O que pretendo, quando passei a escrever este género de textos introdutórios à nossa programação, é provocar o pensamento. Não estamos habituados a pôr em causa o que achamos evidente. Muitas vezes, porém, o que é evidente não é tão verdadeiro como à primeira vista podemos pensar. Há muita coisa que se interpõe entre o nosso olhar e a realidade. A todos nós isso acontece. Fazermos um esforço para o reconhecer e para procurar uma outra forma de conhecimento vai alimentar a nossa imaginação, vai permitir descobrir o que de outra maneira não alcançamos.

Esperamos que encontrem motivos de interesse na nossa programação.

Miguel Lobo Antunes



Livraria de arte

© DMF, Lisboa

A Culturgest dispõe em Lisboa de uma livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest, assim como muitas outras relacionadas com artistas que aqui expuseram o seu trabalho, mas nela estão também representados muitos artistas não abrangidos pelo programa de exposições. A livraria inclui ainda uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de escritos sobre arte, com especial ênfase na história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de menor escala ou mesmo de muito pequena dimensão. Quase todas as publicações são disponibilizadas a preços reduzidos, por vezes muito reduzidos, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

Culturgest runs a bookshop in Lisbon that specialises in contemporary art. Its titles are very carefully selected, being based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found at the shop, as well as many others relating to artists who have already exhibited their work here. But other artists are also represented, whose work has not been covered by the exhibition programme. The bookshop also includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; major publishers share shelves with lesser-sized publishing projects or even very small publishers. Almost all of the publications are placed on sale at reduced, and sometimes extremely tempting, prices, so that we can share them with as many people as possible.

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h. Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h. Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições. Tel. 21 790 51 55

Dança

- 16 **Rule of Thirds**
de |acsc| antónio cabrita e são castro
- 40 **Sur les traces de Dinozord**
de Faustin Linyekula
- 56 **Cidade Perdida 0.11** de Mara Castilho

Para famílias

- 18 **De Seda**
- 54 **Com Tempo**

Música

- 20 **Songbird** Luís Figueiredo / João Hasselberg
- 22 **Quinteto Lisboa**
- 24 **Kassé Mady Diabaté** Kiriké
- 30 **Circadia**
- 32 **Söndörgő**
- 36 **The Heat Death**
- 58 **Trio de Gonçalo Marques + Jacob Sacks**
- 60 **Von Calhau!**
RE VOLTA SUBICIDA

Cinema

- 26 **IndieLisboa**
Festival Internacional de Cinema Independente

Conferência

- 28 **O regresso de Deus?** com Tomáš Halik

Teatro

- 34 **Guy de Cointet** Five Sisters
- 42 **THIS IS HOW WE DIE**
de Christopher Brett Bailey
- 44 **La nuit des taupes (Welcome to Caveland!)**
de Philippe Quesne
- 52 **Loveable** de Plataforma285

Visitas

- 38 **Culturgest** passo a passo
- 48 **No lugar do outro** Visita de olhos vendados

Performance

- 46 **Pedro Diniz Reis** Shibari

Curso

- 50 **Direção Técnica de Salas de Espetáculos**

Exposições

- 64 **Guy de Cointet** Who wrote that?
- 66 **Bélen Uriel**
- 68 **Dorota Jurczak**
- 70 **Francisca Carvalho** Chordata
- 72 **Eduarda Rosa**
- 74 **Palácio de Espanto**
Em torno da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

- 78 **Serviço Educativo**

- 92 **Informações**

Artista na Cidade 2016

Faustin Linyekula



© Andreas Etter

**Artista
na Cidade
Lisboa**

**Alcantara
CCB
Companhia Nacional de Bailado
Culturgest
Festas de Lisboa
Fundação Calouste Gulbenkian
Maria Matos Teatro Municipal
São Luiz Teatro Municipal
Teatro Nacional D. Maria II
Temps d'Images Lisboa**

Depois de Anne Teresa de Keersmaeker (2012) e Tim Etchells (2014), Lisboa acolhe, durante o ano de 2016, o artista congolês Faustin Linyekula para a bienal Artista na Cidade. O bailarino, coreógrafo e encenador apresentará espetáculos em várias salas e espaços da cidade e criará novos projetos com artistas, estudantes e habitantes de Lisboa.

Faustin Linyekula coloca várias formas de arte – dança, teatro, música, vídeo, literatura – ao serviço de uma obra assumidamente política. Filho de um país de contrastes e contradições, nunca se cansa de falar sobre a República Democrática do Congo. Nas suas obras, mostra uma história de colonialismo e pós-colonialismo (se existir), chora a devastação provocada por guerras intermináveis, desmascara a cleptocracia reinante, denuncia a miséria e a fome... Mas Faustin não seria Faustin se também não cantasse a beleza do país onde nasceu, a generosidade e a alegria dos seus habitantes, o espírito de resiliência e a esperança que parece nunca morrer. Uma poesia profundamente humana e conciliadora percorre o conjunto da sua obra, que se lê como uma tentativa de criar memória num país onde tudo se desfaz, numa sociedade que sobrevive nas ruínas de um passado violento e sanguinário.

jan/fev

14 > 24 janeiro

Teatro Camões /
CNB

**Programa Dança
e Documentário
Portrait Series:
I Miguel**

Um solo de Faustin
Linyekula

**No Escuro
do Cinema
Descalço os
Sapatos**

Um filme de
Cláudia Varejão

21 janeiro

Maria Matos
Teatro Municipal

**Workshop com
alunos finalistas
ESTC**

24 janeiro

Moinho da
Juventude, Cova
da Moura /
Maria Matos
Teatro Municipal

Le Cargo

26 janeiro >

4 fevereiro
Espaço Alcantara
1Space Lab

mai/jul

Início de maio
> 21 maio

Maria Matos
Teatro Municipal

**Workshop
com alunos
finalistas ESTC**

7 maio

Bairro Padre Cruz /
Maria Matos Teatro
Municipal /
Festival de Arte
Urbana / GAU

Le Cargo

21 maio

Centro de
Experimentação
Artística, Moita /
Maria Matos Teatro
Municipal / Centro
de Experimentação
Artística e
Companhia Nacional
de Bailado

**Le Cargo +
Portrait Series: I
Miguel**

1 > 2 junho

Culturgest /
Alcantara Festival

**Sur les traces
de Dinozord**

out/dez

28 > 29 outubro

São Luiz
Teatro Municipal,
Jardim de Inverno

**Le Festival des
Mensonges**

2 > 3 novembro

São Luiz
Teatro Municipal,
Sala Principal

**Sans-titre de
Raimund Hoghe**

10 > 11 novembro

Fundação Calouste
Gulbenkian,
Grande Auditório

**more more
more... future**

18 > 19 novembro

CCB, Pequeno
Auditório

**Statue of Loss /
Triptyque
Sans Titre**

novembro

Bairros
multiculturais
Grande Lisboa /
Maria Matos
Teatro Municipal

Le Cargo

4 > 5 junho

São Luiz
Teatro Municipal,
Sala Principal /
Alcantara Festival

**The Dialogue
Series: IV. Moya**

4 junho > 5 julho

Maria Matos
Teatro Municipal

**Workshop
com alunos
finalistas ESTC**

22 > 26 junho

Teatro Nacional
D. Maria II

**Voz Alta,
Festival
de Leituras
Encenadas**

junho

**Espetáculo
de rua**
programação das
Festas de Lisboa

6 > 10 julho

Maria Matos
Teatro Municipal

**Apresentações
da criação dos
alunos finalistas
ESTC**

novembro

Cinema Ideal /
Temps d'Images
Lisboa

**Palestra de
Isabelle Danto
sobre a obra
de Faustin
Linyekula**

dezembro

local a anunciar /
Temps d'Images
Lisboa

**Filme
Documentário
Faustin e
Lisboa,
de Miguel
Munhá**



© Eric de Mildt

Rule of Thirds

de |acsc| antónio cabrita e são castro



© António Cabrita

SEX 1, SÁB 2 DE ABRIL

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h
12€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M12

Na sexta-feira 1, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Conceito e coreografia António Cabrita e São Castro
Interpretação António Cabrita, São Castro, Luís Malaquias, Margarida Belo Costa **Figurinos** Nuno Nogueira **Desenho de luz** Vítor José **Coprodução** Vo'Arte, Culturgest, Teatro Viriato **Apoios** CiM - Companhia de Dança, Centro Cultural de Belém, Companhia Nacional de Bailado, OPART **Apoios residências artísticas** StudioTrade Network-DansBrabant, O Espaço do Tempo, CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura

O fascinante nesta abordagem criativa, a partir de uma obra fotográfica, não é somente o confronto com o ato de criar a partir de uma imagem, mas também toda a dramaturgia em torno desse corte temporal incapaz de anular por completo a sugestão de movimento. O corpo em pausa.

Um foco sobre a beleza formal de um momento, o seu conteúdo expressivo, o acaso objetivo, a compreensão através do olhar. A poética ambígua do visível onde o detalhe do gesto se encontra e é intrínseco ao ato de nos movermos, numa linguagem própria, que nos fala sem uso da palavra.

O processo é como uma fotografia bem enquadrada. Sensibilidade, intuição e sentido de geometria. O domínio do tempo e o controlo do espaço num olhar sobre a vida.

O enquadramento natural do instinto humano numa coleção de instantes captados por Henri Cartier-Bresson e utilizados como mote coreográfico. O lado mais humano e real do sujeito captado de forma excepcionalmente natural e exímia.

O palco como enquadramento do corpo em tempo real.

António Cabrita e São Castro

|acsc| é um projeto de colaboração artística entre os bailarinos e coreógrafos António Cabrita e São Castro, que se propõe cruzar interesses e estímulos criativos como o movimento, a imagem e o som. A sua última criação, *PLAY FALSE*, ganhou o Prémio Autores SPA 2015 – Melhor Coreografia. Numa coprodução Companhia Nacional de Bailado /Vo'Arte, cocriaram e interpretaram *Tábua Rasa*, com Henriett Ventura e Xavier Carmo.

This production is fascinating not only because it is based on a photographic image, but for all the dramaturgy contained in that frozen moment, which cannot completely eliminate the suggestion of movement. The ambiguous poetics of the visible, in its own language, without using words. The natural framing of the human instinct in a collection of instants captured by Cartier-Bresson and used as the choreographic motif. The most human and real side of the subject captured in an exceptionally natural and extraordinary way. The stage as the framing of the body in real time. |acsc| antónio cabrita e são castro is a project based on the collaboration between the two dancers and choreographers.

Projeto financiado pela Direção-Geral das Artes

De Seda

SÁB 2, DOM 3
DE ABRIL

Pequeno Auditório
16h · Duração: 40 min.
3,50€ (preço único)

M8

Direção artística, coreografia, interpretação Marina Nabais
Figurinos Ainhoa Vidal, Marina Nabais, Nuno Nogueira
Assistência coreográfica Ainhoa Vidal **Cenografia** Marina Nabais
em colaboração com Gonçalo Alegria **Espaço sonoro** Gonçalo Alegria **Desenho de luz** Miguel Cruz **Vídeo** Vagalume Filmes
Produção Marina Nabais Dança, associação cultural
Coprodução Serviço Educativo da Culturgest **Apoios** Câmara Municipal de Almada, Companhia Clara Andermatt, DEVIR, Festival IF Barcelona, Teatro Extremo **Agradecimentos** Aninha Elyseu, Ângela Ribeiro, Catarina Alfaia, Clara Antunes, Rita Borges

Fios tecidos para amaciar o ar. Onde fica a sua origem?
Para que ponto se orientam?

Um labirinto invisível habitado por uma bailarina, que transita entre o real e o virtual. Um dispositivo espacial onde tempo e som se respondem. Materializa, assim, o imaterializável.

Desenha-se um caminho de segredos e de magia estética, sonora e abstrata que paira no ar.

Woven threads to soften the air. Where do they originate from?
What point are they heading for?

An invisible labyrinth inhabited by a ballerina, who generates transformation. A mechanism that is shaped and refined, making it possible to objectify space, time and sound through dance.

A path of secrets and aesthetic magic is drawn, sound-based and abstract, hovering in the air.



© Aninha Elyseu

Songbird

Luís Figueiredo / João Hasselberg

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



© Vera Marmelo

QUA 6 DE ABRIL

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M6

Piano Luís Figueiredo Contrabaixo João Hasselberg

A relação do jazz com a canção dita “ligeira” e com a pop vem dos primórdios deste género musical, e um tempo houve em que os dois domínios eram o mesmo – veja-se o exemplo de Frank Sinatra. Depois, iniciou-se um processo de intelectualização e complexificação/experimentação da música de raiz afro-americana que a conduziu por outro caminho, atravessando os estilos *bebop*, *hard bop*, *cool*, *modal* e *free*. Alguma coisa está, no entanto, novamente a mudar e até nos circuitos mais criativos têm surgido pontes com essa área. Não necessariamente para tornar o jazz mais acessível ou comercial: casos como os de Tom Waits, Björk e David Sylvian atestaram que pode haver uma pop de grande qualidade. Será isso que leva um alargado número de músicos, de Brad Mehldau a The Bad Plus, a incluir esse tipo de repertório, via *covers* ou com composições originais, nos seus concertos e discos. Poucos o fizeram, no entanto, por sistema, e entre estes, com excelentes resultados, está o português João Hasselberg, metade do duo Songbird. Com este projeto, o contrabaixista e o pianista Luís Figueiredo ainda vão mais longe, dedicando-se exclusivamente à interpretação de temas bem conhecidos do cancionero universal e esticando esse âmbito até à *folk*, por um lado, e a certas árias de ópera, por outro. «Como quem passeia entre as árvores», dizem eles, colocando ainda em maior evidência o lirismo desses «cantos alheios».

Jazz had long been linked to “light” music and pop. Take Frank Sinatra, for example. Then it embarked on a path of intellectualisation and complex experiments with Afro-American music, leading to *bebop*, *hard bop*, *cool*, *modal* and *free jazz*. But bridges are once again being built with high quality pop. Brad Mehldau and The Bad Plus include this type of repertoire in their concerts and recordings. The Portuguese Songbird duo (João Hasselberg on bass and Luís Figueiredo on piano) go much further, playing well known and universal songs, but also moving into areas such as folk music and opera arias.

Quinteto Lisboa



SEX 8 DE ABRIL

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
18€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€
(não há outros descontos)

M6

Apresentação
 Quinteto Lisboa

Voz Maria Berasarte **Voz** Paulo de Carvalho
Guitarra clássica José Peixoto **Guitarra acústica** João Gil
Baixo Fernando Júdice

O Quinteto Lisboa é um projeto musical que nasceu da amizade e do trabalho conjunto de muitos anos de dois grandes nomes da música popular portuguesa: João Monge (autor) e João Gil (compositor), ambos fundadores da Ala dos Namorados. A eles, juntaram-se dois dos músicos que fizeram parte dos Madredeus, José Peixoto (guitarrista) e Fernando Júdice (baixista). As vozes são de Maria Berasarte e de Paulo de Carvalho. Segundo os seus criadores, “não é um projeto de fado, mas o Quinteto jamais existiria se não houvesse fado”.

Procuram dar uma alma nova à canção de Portugal, considerada património de todos, levando cantores e intérpretes a encontrar o melhor que ela tem e indo para além dela.

Em 2012 apresentaram-se, em setembro, na Culturgest. Demonstrando como o objetivo prosseguido foi muito bem alcançado e como a música que fazem é bela.

Maria Berasarte é uma cantora nascida no País Basco e cujo primeiro álbum foi considerado pela crítica portuguesa como o melhor disco de fado gravado por uma voz estrangeira.

Paulo de Carvalho, toda a gente conhece. Pelo menos quem era adulto em 1974. Não é um fadista, embora componha e cante fado. A sua voz tão dotada e a qualidade da sua interpretação integram-se harmoniosamente no projeto. Do conjunto das contribuições de músicos cheios de talento resulta o som singular da banda.

É motivo de satisfação para a Culturgest que o Quinteto queira iniciar aqui o lançamento do seu primeiro álbum, editado no final de março deste ano. Concerto e disco merecem ser ouvidos. É muito boa música e o fado está lá. Ao vivo é diferente da gravação. São duas coisas, uma não é a outra. Ambas são boas.

Quinteto Lisboa was born from the longstanding friendship between two great names from Portuguese popular music: ex-Ala dos Namorados João Monge (author) and João Gil (composer), later joined by ex-Madredeus José Peixoto (guitar) and Fernando Júdice (bass), with vocals by the Basque-born fado singer Maria Berasarte and the well-known Paulo de Carvalho. Together, these musicians create the quintet's unique sound. “It is not a fado project, but the quintet wouldn't exist if there were no fado.” Culturgest is proud to welcome them for the launch of their first album, due for release in March.

Kassé Mady Diabaté

Kiriké



© Manuel Lagos Cid

QUA 13 DE ABRIL

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h20
18€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M6

Voz Kassé Mady Diabaté **Corá** Ballaké Sissoko
Balafon Lansine Kouyate **N'goni** Badje Tounkara

Kassé Mady Diabaté pertence à família dos *griots* mais reputada do país mandinga. O Império Mandinga remonta ao século XIII e a música, e os *griots* que a praticavam ao mesmo tempo que transmitiam as memórias ancestrais, foram muito importantes para a coesão desse vasto reino da África Ocidental.

Kassé, com sete anos, por causa da qualidade da sua voz, foi considerado pelos mais velhos como o herdeiro, a reencarnação, do seu avô “Jeli Fama” (“O Grande *Griot*”). A sua carreira já tem 50 anos, esteve em todos os projetos musicais mais inovadores do Mali. Uma extensa discografia testemunha-o. Salif Keita proclamou-o “o maior cantor do Mali”.

O concerto de hoje começou na amizade entre o violoncelista francês Vincent Segal e o tocador de corá Ballaké Sissoko. O duo gravou dois CDs afamados. Esteve na Fundação Gulbenkian em janeiro de 2011 e continua a apresentar-se em todo o mundo.

Admiradores, há muito, de Kassé Mady, os dois músicos sonhavam com um projeto em que o cantor fosse o personagem principal. Juntaram mais dois solistas tocadores de instrumentos tradicionais (*n'goni* e *balafon*), amigos de infância e herdeiros de grandes linhagens de músicos, e gravaram *Kiriké*, um álbum onde estes músicos excepcionais dão largas à sua arte. O “homem com voz de veludo” reinventa-se. Como um velho camponês que resmunga no extremo do seu pedaço de terra.

O concerto é baseado nesse CD, muito apreciado pela crítica (a revista *Songlines*, especializada em música do mundo, escolheu-o como álbum do ano de 2014). Mas sem a presença do violoncelista francês.

Kassé Mady Diabaté belongs to the family of the *griots*, who played the music of West Africa's vast and ancient Mandinga Empire, transmitting ancestral memories and ensuring the kingdom's cohesion. Kassé's career spans more than 50 years, and the “man with the velvet voice” has been involved in all of Mali's innovative music projects. Today's concert is based on *Kiriké*, the critically acclaimed album he recorded with cellist Vincent Segal and *kora* player Ballaké Sissoko, together with two other players of traditional instruments (*n'goni* and *balafon*), only this time without the French cellist.

IndieLisboa

Festival Internacional de Cinema Independente



DE QUA 20 DE ABRIL
A DOM 1 DE MAIO

10h30 – 23h45
M16 (exceto IndieJúnior)

Bilheteira Central Culturgest

De 6 a 19 de abril: das 11h às 19h (exceto dias 11 e 18: das 14h às 19h) · De 20 de abril a 1 de maio: das 10h até ao início da última sessão

Preços dos bilhetes

Sessões regulares: 4€
Sessões IndieJúnior Escolas (para público geral): 1€
Caderneta de 5 bilhetes voucher: 16€
Caderneta de 10 bilhetes voucher: 30€
Caderneta de 20 bilhetes voucher: 55€

Descontos

Maiores de 65 anos, jovens até aos 30, desempregados (mediante a apresentação de cartão do IEFP): 3,50€
Bilhete Famílias (válido para 4 pessoas nas sessões IndieJúnior Famílias): 12€

Programação disponível
online a partir de 22 de março
em www.indielisboa.com

Organização IndieLisboa – Associação Cultural

No IndieLisboa descobre-se o melhor cinema independente. O festival acontece de 20 de abril a 1 de maio na Culturgest, que volta a ser coprodutora do festival, no Cinema São Jorge, na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema e no Cinema Ideal.

Desde 2004 que a cidade e o público recebem o Indie de braços abertos. Doze dias para fazer mais de 250 surpreendentes descobertas – filmes portugueses e estrangeiros de todos os géneros (ficções, documentários, animações, filmes experimentais, entre longas e curtas metragens), inéditos e difíceis de encontrar noutras paragens. Este ano, redescubra Paul Verhoeven e fique a conhecer as obras completas de Vincent Macaigne e Jean-Gabriel Périot. Não esquecer que há um grande minifestival para os mais novos, o IndieJúnior, com filmes para todas as idades.

O IndieLisboa é também um espaço que envolve convidados e público, proporcionando inúmeras possibilidades de enriquecimento profissional e pessoal: debates, seminários, conversas, encontros, convívios, festas e concertos.

From 20 April to 1 May, IndieLisboa brings you the best independent cinema at Culturgest, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema and Cinema Ideal. 12 days with over 250 Portuguese and foreign films from all genres (fiction, documentary, animation, experimental, long and short films), surprising, new and hard to find elsewhere. This year, rediscover Paul Verhoeven and get to know Vincent Macaigne and Jean-Gabriel Périot. IndieLisboa also offers debates, seminars, talks, parties and concerts, and IndieJúnior, the mini-festival with films for all ages. Find out more at www.indielisboa.com.

Organização



Parceiro principal



Parceiros institucionais



Coprodução



O regresso de Deus?

com Tomáš Halík



© www.vojtechvlk.com

TER 3 DE MAIO

Grande Auditório
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

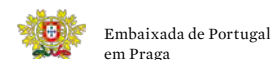
Falado em inglês, com tradução simultânea para português.

Esta conferência será transmitida no site www.culturgest.pt

<http://halik.cz/en>



Apoio:



Organização Paulinas Editora e Universidade Católica Portuguesa

Muitos sociólogos contemporâneos argumentam que a era da secularização chegou ao fim, que «Deus está de volta» e que vivemos atualmente num tempo pós-secular. Todavia, colocam-se várias questões fundamentais, todas elas críticas para esse debate: será a sociedade pluralista e global pós-moderna verdadeiramente pós-secular? Que tipo de religião regressou? Que espécie de Deus «está de volta»? O retorno contemporâneo à religião é sinal de um emergente novo tempo de Cristianismo? Porventura devemos esperar outro Deus?

No nosso tempo estão a ocorrer modalidades diferenciadas de regresso à religião. Primeiro, constata-se o seu papel crescente na política. Depois, verifica-se uma «viragem religiosa» da filosofia pós-moderna e um novo conceito de Deus na teologia pós-moderna. Por fim, tem-se comprovado um interesse crescente pela espiritualidade. Estes fenómenos são ambivalentes, implicando desafios e riscos.

Uma das principais distinções sociais no Ocidente atual não é a divisão entre crentes e não-crentes, mas a divisão entre os crentes estabilizados (os tradicionais paroquianos) e os buscadores, considera o sociólogo norte-americano Robert Wuthnow. No Ocidente, por exemplo, vem diminuindo o número de pessoas que participa em celebrações religiosas, ao passo que o número de «buscadores» tem vindo a aumentar rapidamente.

Uma das características predominantes do futuro do Cristianismo será, com toda a probabilidade, o acompanhamento destes «buscadores», percorrendo parte do seu itinerário em diálogo com eles. O objetivo principal desse acompanhamento não é empurrar os «buscadores» para dentro de estruturas da Igreja já existentes, mas enriquecer e abrir as fronteiras institucionais e intelectuais existentes através do diálogo mútuo.

Tomáš Halík nasceu em Praga, em 1948. Ordenado sacerdote na Alemanha de Leste, trabalhou na “Igreja do Silêncio”. Atualmente ensina sociologia e filosofia da religião. Com uma vasta bibliografia, foi professor convidado das Universidades de Oxford, Cambridge e Harvard. Leciona e dá conferências por todo o mundo.

Many sociologists argue that the secular age is over and “God is back”. But is our postmodern society truly post-secular? What kind of God “is back”? Is this a new age of Christianity or should we expect another God? There are many differences in this return to religion: firstly, its political aspect, then the new postmodern concept of God, and finally the growing interest in spirituality with all its challenges and risks. Present-day western society is divided into the traditional stabilised believers and rapidly growing numbers of “seekers”. Our aim here is to start a dialogue with the latter.

Circadia

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



© Micke Keysendal

SEX 6 DE MAIO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M6

Guitarra David Stackenäs Guitarra Kim Myhr
Baixo Joe Williamson Bateria Tony Buck

Conseguem imaginar os sons de uma colmeia construída pelas abelhas dentro de um recipiente de lata? Pois é um pouco isso que parece a música do quarteto Circadia. Ouvimos o tipo de estrutura de aparente não desenvolvimento da chamada *drone music* (pensem no minimalismo norte-americano da década de 1960, e pensem também na maior parte da atual música por computador), e no entanto há uma profusão de eventos sonoros que partem em todas as direções, como nas composições de Morton Feldman. O que quer dizer que, se os quatro membros do grupo, David Stackenäs, Kim Myhr, Joe Williamson e Tony Buck, têm atividade no jazz criativo e na música livremente improvisada, o que fazem em conjunto não se assemelha com absolutamente nada que possamos encontrar nessas áreas. Nem em quaisquer outras, de resto...

As duas guitarras de caixa, o contrabaixo e a bateria praticam uma música de características únicas que só podemos situar no domínio do experimentalismo, apesar dos seus claros vínculos com a escrita erudita contemporânea (sim, além de Feldman há por aqui algum Ligeti e algum Scelsi), mas o que nos entra pelas orelhas tem insuspeitas conexões com a *folk* do hemisfério Norte. Aqui e ali, são até os *blues* rurais que detetamos. Ou seja, numa altura em que achávamos que nada de novo se podia fazer com uma formação acústica, para mais com o envolvimento do mais popular dos instrumentos, a guitarra, eis que a surpresa se instala. Há mais caminhos a desbravar, e os Circadia estão a fazê-lo com uma candura e uma inventividade que já não imaginávamos possível.

Imagine a beehive in a tin can. That's a little what the music of the quartet Circadia sounds like. At first, we hear *drone music*, but yet there's also a whole host of sound events leading off in all directions. Which means that the group's four members David Stackenäs, Kim Myhr, Joe Williamson and Tony Buck (with a background in freely improvised creative jazz) together play music that resembles nothing from those areas. Or, come to that, from any other area. There are elements of experimentalism, folk and urban blues, but Circadia also show us yet other paths with candour and inventiveness.

Söndörgő



SEX 13 DE MAIO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
18€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M6

Lead tambura, tambura samica, derbuka, voz, tambura alto
Áron Eredics Kontra tambura, trompete, voz Benjamin Eredics
Clarinete, saxofone, kaval, tambura, tambura alto, voz Dávid
Eredics Acordeão, flauta pastoril, hulusi, tambura alto, tambura
violoncelo Salamon Eredics Tambura contrabaixo, tambura
violoncelo, tapan, vozes Attila Buzás

Söndörgő é uma banda formada por três irmãos e um primo de apelido Eredics e um amigo contrabaixista com quem tocam desde os tempos do secundário.

Praticam a música tradicional dos eslavos do Sul, sérvios e croatas, que permanece viva em pequenas comunidades da Hungria, a maior parte delas isoladas e instaladas ao longo do Danúbio. Essa música foi estudada e repertoriada pelo compositor Béla Bartók e pelo etnógrafo Tihamér Vujicsics, duas celebridades que se dedicaram ao estudo da música popular da Hungria.

Não admira que os membros do grupo se tenham dedicado a pesquisar, fazer os arranjos e apresentar em concertos estas canções. Nasceram numa pequena cidade perto de Budapeste com uma longa tradição sérvia, de uma família com um apelido provavelmente croata, e com sangue eslavo, austríaco, ucraniano e judeu. O pai dos três irmãos tocara na banda dirigida por Vujicsics.

Em contraste com a música popular húngara mais conhecida, em que o violino é o instrumento mais importante, os Söndörgő, respeitando a tradição, usam o *tambura*, uma espécie de bandolim provavelmente de origem turca e característico dos sérvios e croatas. Cordas dedilhadas, com participação do saxofone e do acordeão. A música é de uma extrema beleza e os membros dos Söndörgő exímios executantes.

Até agora gravaram dois discos, um em 2011 e o segundo em 2014, colocado na lista dos melhores álbuns desse ano de *world music*. E têm percorrido a Europa em festivais e concertos.

A Culturgest persiste em dar a conhecer ao público música tradicional magnífica, quase desconhecida no nosso país (o advérbio está aqui por cautela), interpretada por instrumentistas que juntam um enorme respeito pela tradição a uma execução perfeita.

Söndörgő are three brothers, a cousin, and a bass-playing friend, who have been together since secondary school, playing the traditional music of southern Slavs, Serbs and Croats, studied by Bartók and ethnographer Tihamér Vujicsics and kept alive in small Hungarian communities along the Danube. In this music the violin of popular music has been replaced by the *tambura*, a kind of mandolin typical of Serbs and Croats, as well as the saxophone and accordion, to produce truly beautiful music. Yet another example of Culturgest's insistence on offering audiences the best traditional world music.

Guy de Cointet

Five Sisters



Five Sisters (1982) Frascati WG, Amesterdão, 2011 © Fotografia: Sal Kroonenberg/If I Can't Dance, Amesterdão
Cortesia Guy de Cointet Society, Air de Paris e Estate of Eric Orr

SÁB 14 DE MAIO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 50 min.
8€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M12

Texto Guy de Cointet Luz e som Eric Orr Pesquisa e dramaturgia Marie de Bruggerolle Encenação Jane Zingale Interpretação Violeta Sanchez, Einat Tuchman, Adva Zakai, Veridiana Zurita Luz e som Elizabeth Orr Guarda-roupa moniquevanheist Curadora Frédérique Bergholtz Curadora assistente Vivian Zihlerl

Foi em Los Angeles, onde se radicou em 1968, que Guy de Cointet (Paris, 1934 – Los Angeles, 1983) produziu a obra extraordinária pela qual é hoje consensualmente reconhecido no mundo da arte: uma profusa produção de desenhos, obras que tomam a forma democrática do livro, um extenso conjunto de peças teatrais (para as quais escreveu os textos, produziu objetos e dirigiu atores, na sua maioria mulheres). A retrospectiva que a Culturgest lhe dedica, *Who wrote that?*, é acompanhada pela apresentação de várias das suas peças teatrais. Guy de Cointet seguiu, na criação dessas peças, o método tradicionalmente usado no teatro: escrita do texto, escolha dos intérpretes, ensaios. Ao longo dos anos, o artista foi apurando um estilo muito próprio e inconfundível, pleno de artifício e de humor, caracterizado pela maneira enfática de representação (expressão verbal e gestual dos atores), pelo modo como os objetos são integrados e ativados, por um constante entrelaçamento entre o familiar, o absurdo e o enigmático. Em *Five Sisters* (1982), a sua última criação teatral, o artista prescinde de objetos. A iluminação assume, em contrapartida, uma importância crucial na construção dramática da peça.

It was in Los Angeles, where he had settled in 1968, that the artist Guy de Cointet (Paris, 1934 – Los Angeles, 1983) produced the extraordinary work for which he is widely recognised today in the art world: a profuse production of drawings, works that take the democratic form of the book, and an extensive set of theatre plays (for which he wrote the texts, produced objects and directed the actors, mainly women). Several of his theatre plays are presented in the framework of his retrospective exhibition at Culturgest, *Who wrote that?* (see pages 64-65). Over the years, the artist has developed his own inimitable style, highly refined and full of humour, constantly exploring emphatic modes of verbal and gestural expression, a very particular way of activating and integrating the objects, the intertwined relationship between the familiar, the absurd and the enigmatic.

The Heat Death

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

QUI 19 DE MAIO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M6

Saxofone tenor e clarinete Kjetil Møster Saxofone alto e flauta
Martin Küchen Trombone Mats Aleklint Contrabaixo Ola Høyer
Bateria Dag Erik Knedal Andersen

A cena escandinava é uma incessante incubadora de projetos. E se em muitos deles voltamos a encontrar os mesmos músicos que integram outros grupos já em rodagem, temos a certeza à partida de que cada novo investimento vem acrescentar algo mais, algo de diferente, ao que já se ouviu. É o caso de The Heat Death, quinteto que reúne algumas das figuras chave da música criativa que vai emanando dos cruzados circuitos do Norte da Europa. Apresenta-se como uma formação de música improvisada com um toque de jazz, mas se a definição pode significar muitas coisas, o que ouvimos é literal. Não há composições nem estruturas definidas, num tipo de efervescência expressiva sem condicionantes formais, e quando o dito jazz acontece é como se uma nuvem desse cor à paisagem que temos diante de nós sem a determinar, mas influenciando a nossa perceção. Não tem corpo definido e muda sub-repticiamente ao sabor do vento, mas passa sobre as nossas cabeças e muda o que vemos drasticamente. As fluidas metamorfoses dos sopros ganham um contorno com os padrões rítmicos do contrabaixo e da bateria, e de repente parece-nos ouvir uma “jazz band” nigeriana ou algo que poderia ter nascido da imaginação de Eric Dolphy ou de Ornette Coleman, para tudo imediatamente a seguir se desvanecer e algo de distinto surgir no seu lugar. Ou seja, “música improvisada com um toque de jazz” quer dizer neste caso que nascem composições espontâneas do caos, que a ordem irrompe da aparente desordem, fragilidade e energia consistindo num e no mesmo fator. Só grandes músicos têm a capacidade de o conseguir.

The Scandinavian music scene is full of projects, all offering something different from before. This is the case with The Heat Death, a quintet who present themselves as players of improvised music with a touch of jazz and without any pre-defined compositions or structures. They are like a cloud blowing in the wind, passing over our heads and drastically changing what we see, with the fluid metamorphoses of the wind instruments backed by the rhythmic patterns of bass and drums. Spontaneous compositions born from chaos, imposing order on apparent disorder. Only great musicians can do this.



© Lars Jönsson

Culturgest passo a passo

Conheça as pessoas que fazem a instituição



© Mana

SÁB 21 DE MAIO

Vários espaços da Culturgest
14h30 · Duração: 1h15
5€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 2,50€

M12

Entrada por ordem de chegada; grupos de três pessoas de três em três minutos.

Percurso com muitas escadas e passagens estreitas. Pessoas com mobilidade condicionada terão um percurso alternativo, não sendo possível visitar todos os espaços.

Realizamos com frequência visitas ao Grande Auditório e às Galerias, mostrando os seus bastidores. No entanto a Culturgest não se limita a estes espaços, havendo muitos outros locais para conhecer. Mais importante, as instituições são feitas pelas pessoas que nela trabalham. Assim, para dar a conhecer a Fundação, achámos que seria interessante fazer uma visita diferente, conhecendo quem nela colabora no seu espaço de trabalho.

Neste dia, um pouco como no conto *Hansel e Gretel*, irá encontrar um percurso marcado no chão, percorrendo os espaços e as pessoas. Siga as “migalhas”, passo a passo, encontrando pelo caminho os colaboradores da Culturgest que falarão um pouco de si, daquilo que fazem e do local em que trabalham. As conversas serão muito breves, de escassos minutos, porque o percurso é longo: bilheteira, atendimento, direção artística, produção de espetáculos, comunicação, publicações, serviço educativo, atividades comerciais, serviços administrativos, projecionista, técnico de luz, técnico de som, assistente de sala, frente de casa, conservadora da coleção, maquinista, direção técnica, direção de cena, montagem de exposições, produção de exposições, livraria...

Culturgest frequently organises visits to the “backstage” areas of its Main Auditorium and Galleries. Yet Culturgest is much more than this. Institutions are made from the people who work there. So, we now offer you a different kind of visit, with the chance to meet people in their work space. In following the route marked on the ground, you will meet the Culturgest team, who will talk a little about themselves, what they do and the place where they work. Only brief conversations, lasting just a few minutes, because there is a long list of places to visit.

Sur les traces de Dinozord

de Faustin Linyekula

No âmbito do Alkantara Festival e da bienal Artista na Cidade



© Agathe Poupeney

QUA 1, QUI 2
DE JUNHO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h20
15€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M12

Em francês, com legendas

Na quarta-feira 1, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Direção artística Faustin Linyekula **Com** Serge Kakudji (contratenor), Dinozord, Papy Ebotani, Djodjo Kazadi, Faustin Linyekula (bailarinos), Maurice Papy Mbwiti, Antoine Vumilia Muhindo (atores) **Texto** Richard Kabako, Antoine Vumilia Muhindo **Música** W. A. Mozart (*Requiem*, excertos) – Charles Lwanga Choir of Kisangani, Joachim Montessuis (*Nierica*), Arvo Pärt (*Pari Intervallo*, *Redeuntis in mi*, *Trivium*, *Annum per Annum*), Jimi Hendrix (*Voodoo Child*) **Produção** Studios Kabako – Virginie Dupray **Coprodução** KVS Theatre, Bruxelas

Em 2006, Faustin Linyekula prestou homenagem ao seu amigo Antoine Vumilia Muhindo, um escritor e preso político em Kinshasa, condenado à morte. *The Dialogue Series: III. Dinozord* era um retrato doloroso da história de Kisangani, onde Faustin cresceu, uma cidade que sofreu grandemente com os conflitos entre 1997 e 2002. A peça contava a história dos seus amigos de infância. Faustin Linyekula decidiu voltar em 2012 ao trabalho que dedicou a Vumilia, cujas circunstâncias mudaram entretanto significativamente, pois conseguiu fugir, exilou-se na Suécia e está em cena nesta nova peça. A situação no Congo mudou também mas não se tornou de modo algum mais fácil. *Sur les traces de Dinozord* prossegue a reflexão com os mesmos artistas, incluindo o bailarino Dinozord e o contratenor Serge Kakudji, e com as mesmas perguntas prementes que Faustin fez às pessoas na ruas e nos campos em 2006: que é feito dos vossos sonhos no Congo devastado pela guerra?

Faustin Linyekula nasceu em 1974 no antigo Zaire, hoje República Democrática do Congo. O seu percurso integra uma dezena de criações que foram apresentadas no mundo inteiro, incluindo colaborações com a Comédie-Française, o coreógrafo Raimund Hoghe e o Ballet de Lorraine. Em 2001 fundou os Studios Kabako em Kinshasa, transferindo-os em 2006 para Kisangani, a cidade onde cresceu. Os Studios Kabako organizam oficinas, gerem um estúdio de gravação, recebem artistas em residência, organizam espetáculos e concertos nos bairros populares de Kisangani e produzem as obras de Faustin e de muitos artistas congolezes.

In 2006, Faustin Linyekula paid homage to his friend Antoine Vumilia Muhindo, a writer and political prisoner in Kinshasa, condemned to death. The piece told the story of his childhood friends. *Sur les traces de Dinozord* continues this reflection with the same artists, including dancer Dinozord and countertenor Serge Kakudji, and the same questions that Faustin asked people in the streets and fields in 2006: what has become of your dreams in war ravaged Congo?



THIS IS HOW WE DIE

É ASSIM QUE SE MORRE

de Christopher Brett Bailey

No âmbito do Alkantara Festival



© Jemima Yong

QUA 1, QUI 2, SEX 3
DE JUNHO

Pequeno Auditório
19h · Duração: 1h10
15€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M14

Em inglês, com legendas

Escrito e interpretado por Christopher Brett Bailey
Músicos George Percy, Alicia Jane Turner, Christopher Brett Bailey e Apollo
Música e desenho de som George Percy e Christopher Brett Bailey
Dramaturgia Anne Rieger
Desenho de luz Sherry Coenen
Diretor técnico Alex Fernandes
Produção Beckie Darlington
Uma encomenda Ovalhouse com o apoio de Arts Council England, the Basement, Cambridge Junction e Norwich Arts Centre
Estreia 14 de maio 2014, Norfolk & Norwich Festival, Norwich

Histórias de paranoia, amor juvenil e ultraviolência matraqueadas numa colagem de narrativa e *spoken word*. Da mesa de Christopher Brett Bailey vem uma odisseia vertiginosa de humor negríssimo e prosa de pesadelo.

Com ecos de Lenny Bruce, William Burroughs, poesia *beat* e filmes de série B, *THIS IS HOW WE DIE* é um naco suculento de *trash* surrealista, uma viagem fatal pela cultura americana e um exorcismo estonteante para um mundo convencido de que está a morrer.

Christopher Brett Bailey é *performer*, criador teatral e músico. *THIS IS HOW WE DIE* é o seu primeiro espetáculo a solo. Peça-sensação de Edimburgo em 2014, recebeu o Arches Brick Award e um Off West End Theatre Award.

A motor-mouthed collage of spoken word and storytelling. Tales of paranoia, young love and ultra-violence. From the desk of Christopher Brett Bailey comes a spiralling odyssey of pitch-black humour and nightmarish prose. With echoes of Lenny Bruce, William Burroughs, beat poetry and B-movies, *THIS IS HOW WE DIE* is a prime slice of surrealist trash, an Americana death trip and a dizzying exorcism for a world convinced it is dying. Christopher Brett Bailey is a performer, theatre-maker and musician. His first solo show *THIS IS HOW WE DIE* received the Arches Brick Award and an Off West End Award.

Um absurdo road movie da alma cortado com humor afiado e paranoia borbulhante.
Lyn Gardner, *The Guardian*,
junho de 2014

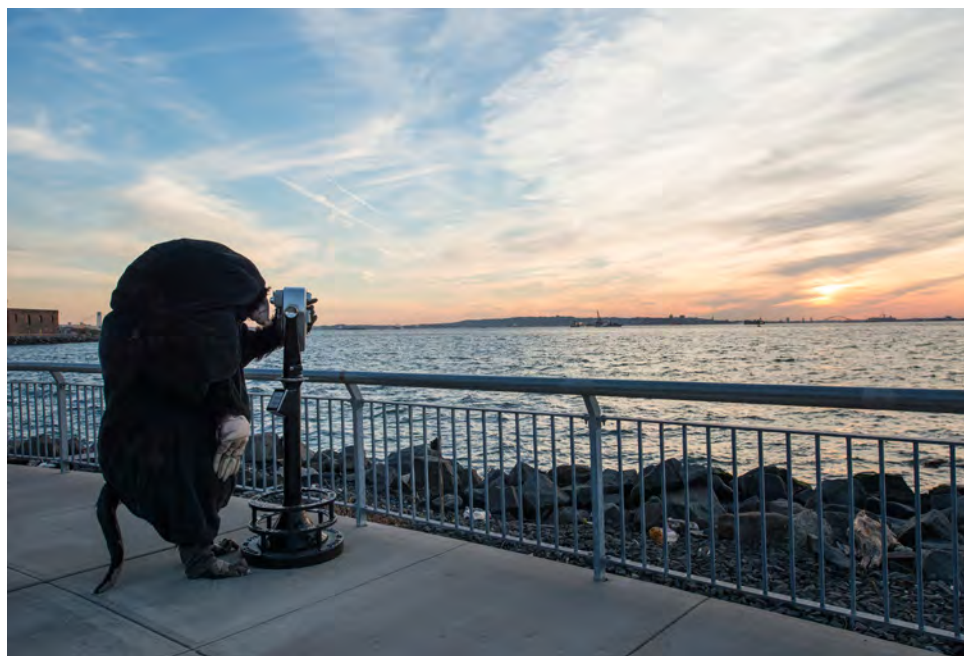
Meu Deus. MEU DEUS.
Megan Vaughan, *Synonyms for Churlish*,
junho de 2014

La nuit des taupes (Welcome to Caveland!)

A Noite das Toupeiras (Welcome to Caveland!)

de Philippe Quesne

No âmbito do Alkantara Festival



© Philippe Quesne - Fotografia: Martin Argyroglo

TER 7, QUA 8
DE JUNHO

Grande Auditório
21h30 · Dur. prevista: 1h30
15€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M12

Conceção, encenação, cenografia Philippe Quesne
Intérpretes/toupeiras Yvan Clédât, Jean-Charles Dumay, Léo Gobin, Sébastien Jacobs, Gaëtan Vourc'h (distribuição em curso) **Assistente de cenografia** Elodie Dauguet **Colaborações dramáticas** Ismael Jude, Smaranda Olcese **Figurinos** Corine Petitpierre **Colaborações técnicas** Marc Chevillon, Yvan Clédât, Grupo de pesquisa Behavioral Objects (coordenação Samuel Bianchini) **Produção** Nanterre-Amandiers (Centre Dramatique National) **Coprodução** Steirischer herbst, Kunstenfestivaldesarts, Théâtre de Vidy-Lausanne, La Filature – Scène nationale, Künstlerhaus Mousonturm, Théâtre National de Bordeaux Aquitaine, Kaaïtheater, Centre d'art Le Parvis à Tarbes, NXTSTP com o apoio do Programa Cultura da União Europeia **Estreia** 6 de maio de 2016, Kaaïtheater, Bruxelas (Kunstenfestivaldesarts)

Num espaço que lembra simultaneamente uma gruta pré-histórica, um abrigo antiatômico e a caverna de Platão, os espectadores serão mergulhados num mundo alegórico, povoado por uma família de toupeiras gigantes, um bestiário fantástico e figuras pertencentes a um universo subterrâneo. Através desta viagem debaixo da terra, escreve-se um “teatro ecosófico” onde a perspectiva humana é contrabalançada pelas do inorgânico e do animal, do vivo e do mineral.

Reatando com as grandes narrativas da antecipação, *La nuit des taupes (Welcome to Caveland!)* faz do teatro um lugar de vida utópica, onde a fantasia não se distingue do despertar das consciências e tenta encontrar as raízes profundas de um imaginário poético coletivo, impregnado de mitos filosóficos.

Fundador da companhia Vivarium Studio, Philippe Quesne é diretor de Nanterre-Amandiers. Pela Culturgest passaram já *L'Effet de Serge* e *La Mélancolie des Dragons* (2009) e *Big Bang* (Alkantara 2012). *Swamp Club* veio o ano passado ao Rivoli – Teatro Municipal do Porto.

In a space that is reminiscent of a prehistorical grotto, an anti-nuclear shelter and Plato's cave, the audience will be plunged into an allegorical world, inhabited by a family of giant moles, a fantastical collection of animals and figures belonging to a subterranean universe. In this way, an “ecosophical piece” is written, in which the human perspective is counterbalanced by those of the inorganic and the animal, the living and the mineral. Philippe Quesne returns to Culturgest after his previous visits in 2009 and 2012.

Pedro Diniz Reis

Shibari



Shibari, Galeria Cristina Guerra, Lisboa, 25 de fevereiro de 2005

QUA 15, QUI 16
DE JUNHO

Galeria 1
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M18

Na quinta-feira 16, a seguir à *performance*, haverá uma conversa com o artista na Galeria.

Modelo Gestalta **Materiais** cordas de Jute japonês e mosquetões

Duas exposições de Pedro Diniz Reis (Lisboa, 1972) na Culturgest – a primeira no outono de 2010, no Porto, *Um dicionário, quatro alfabetos, um sistema decimal*, a segunda no verão de 2011, em Lisboa, *De A a Z – desvendaram*, em todas as suas variantes, uma linha de investigação dentro do seu trabalho muito diverso. Utilizando signos linguísticos como matéria abstrata, puramente significativa, e aplicando regras predeterminadas de organização desses elementos, o artista realizou um conjunto de composições visuais e/ou sonoras (usando o vídeo, o som e o livro como *media*) que induzem uma experiência fortemente imersiva. No final de 2003, na sequência de uma série de obras em vídeo relacionadas com o seu interesse pelo tema do fetichismo enquanto expressão e sublimação do desejo, o artista iniciou uma aprendizagem das técnicas do *shibari*, palavra japonesa para atar, que designa igualmente uma prática muito enraizada na subcultura ligada ao fetichismo e ao sadomasoquismo. A sua aprendizagem do *shibari* foi feita no Japão com vários mestres, principalmente com Nawashi Akechi Denki Sensei, com quem estudou até ele falecer em 2005, e desde então com o seu principal discípulo, Nawashi Kannam, mas também, desde há mais de dois anos, com Kinbakushi Naka Akira. Pedro Diniz Reis tem vindo a apresentar numerosos espetáculos de *shibari* no contexto cultural onde essa prática é cultivada. Em 2005, o artista realizou uma belíssima e despojada *performance* na Galeria Cristina Guerra, em Lisboa, em que o *shibari* se emancipava dos códigos culturais e estéticos próprios do seu contexto de origem, para ganhar uma extraordinária ressonância enquanto trabalho de escultura e à luz da história do nu na arte ocidental. Pedro Diniz Reis é hoje muito mais experiente e versátil na utilização das técnicas do *shibari* do que em 2005. A sua *performance* na Culturgest é um momento raro e que se antevê imperdível.

In late 2003, the artist Pedro Diniz Reis (Lisbon, 1972) embarked on a continuous process of learning the techniques of *shibari*, the Japanese word for “to tie”, which refers to a deep-rooted practice in the subculture linked to fetishism and sadomasochism. Since then and until today, his apprenticeship in *shibari* has been undertaken in Japan with a variety of masters. Over the years, Pedro Diniz Reis has presented countless *shibari* shows in the cultural context in which this practice is cultivated. In 2005, the artist gave a most beautiful and refined performance at the Galeria Cristina Guerra, in Lisbon, in which *shibari* was freed from its associated cultural and aesthetic codes, gaining extraordinary resonance as a work of sculpture and in relation to the history of the nude in western art. His performance at Culturgest is a rare moment not to miss.

No lugar do outro

Visita de olhos vendados

Integrado na Semana Acesso Cultura – Portas Abertas



© Mana

SÁB 18 DE JUNHO

Grande Auditório
14h30 e 16h · Duração: 1h
(16 participantes por visita)
Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada visita, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

M12

A Culturgest realiza com frequência visitas guiadas aos seus bastidores, permitindo que o público descubra espaços habitualmente inacessíveis como o palco, o fosso de orquestra ou os camarins. Como é normal, a percepção está fortemente baseada na visão. Tendo isso em consideração, em março entendemos organizar visitas para cegos e amblíopes, num percurso especialmente criado para a percepção pela audição, tato, olfato e temperatura. Conceber este percurso e pensar como mostrar a um cego uma mudança de cenário ou um efeito de luz, obrigou-nos, de certo modo, a colocarmo-nos no lugar do outro, no lugar de quem não vê. Esse trabalho levou-nos a múltiplas reflexões sobre a maneira como a sociedade negligencia os outros sentidos em detrimento da visão, sobre a dificuldade de quem não vê “navegar” em espaços concebidos para quem vê, sobre a dificuldade de guiar um cego e, por fim, sobre a importância de aprendermos a colocarmo-nos no lugar do outro.

Queremos partilhar com o público essa reflexão, lançando um desafio: venha descobrir a Culturgest de olhos vendados. Não se preocupe, não estará sozinho. No início iremos ensinar como se guia um cego. Depois todos farão a visita duas vezes, uma enquanto guias, outra enquanto cegos, invertendo papéis, experienciando pontos de vista diferentes. Desperte os seus sentidos. Coloque-se no lugar do outro.

Culturgest frequently organises visits to its “backstage” areas, where, as is normal, the perception of such places is heavily based on sight. In March, we organized visits for the blind and partially sighted, specially created for perception through hearing, touch, smell and temperature. Conceiving these visits led us to put ourselves in the place of the other and reflect on the way society neglects other senses in favour of sight. Let us share our reflections by issuing a challenge: come and discover Culturgest blindfolded. Awaken your senses and put yourself in the place of the other.

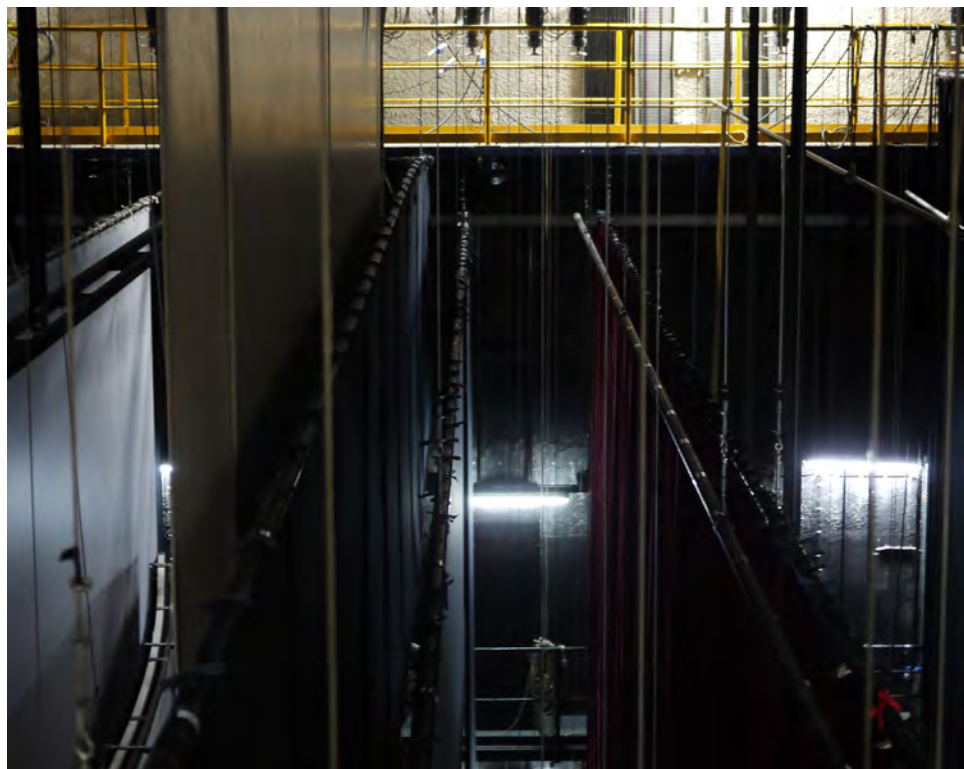
A Semana Acesso Cultura
é uma iniciativa de:



acesso
cultura
access
culture

Direção Técnica de Salas de Espetáculos

Curso para profissionais



© Mana

DE SEG 20 A SÁB 25
DE JUNHO

Grande Auditório
Das 10h às 18h
275€ · Desempregados: 200€
Máximo: 12 formandos

Poderá não se realizar se não houver o número mínimo de formandos

Informações e inscrições com envio de currículo para culturgest.bilheteira@cgd.pt

A Direção Técnica é fundamental em salas de espetáculos de média e grande dimensão ou que tenham uma programação intensa. Uma coordenação técnica eficaz permite adequar melhor os espetáculos às características e equipamentos das salas, conseguindo assim otimizar as montagens, reduzir os custos de aluguer, minimizar imprevistos e gerir melhor os recursos humanos disponíveis. Apesar do papel central que a Direção Técnica tem no organigrama das salas de espetáculos, não existe em Portugal oferta formativa específica para este cargo. Tendo consciência disto a Culturgest entendeu que era importante organizar um curso nesta área. Este curso, que está vocacionado para pessoas que já trabalham em espetáculos desempenhando funções de chefia, terá uma forte componente prática, sendo a generalidade da formação feita no palco do Grande Auditório da Culturgest, com profissionais de sólido currículo nas áreas que irão lecionar.

Segunda-feira 20 Legislação Aplicável Paulo Ramos (Diretor Técnico da Culturgest); **Manutenção de Infraestruturas e Equipamentos** Jorge Serra (Gestor de Projeto da Siemens); **Segurança no Trabalho** Carlos Pinheiro (Técnico de Segurança no Trabalho da CGD)

Terça-feira 21 Mecânica de Cena João Cáceres (Diretor Técnico do Cinema São Jorge)

Quarta-feira 22 Iluminação Cénica Ernesto Costa (Diretor Técnico da Casa da Música)

Quinta-feira 23 Sonorização Cénica Ricardo Guerreiro (Técnico de Som da Culturgest)

Sexta-feira 24 Audiovisuais Américo Firmino (Coordenador do Setor Audiovisual da Culturgest)

Sábado 25 Visita de estudo ao Teatro São Luiz com o seu Diretor Técnico, Hernâni Saúde; **Visita de estudo ao TNDM II** com o seu Diretor Técnico, Eric Costa

Technical direction is fundamental for organising medium and large-sized shows, adapting them to the characteristics and equipment of the rooms and helping to optimise stage assemblies, reduce rental costs, minimise unforeseen events and manage human resources. Despite its central role in the organisation of theatres and concert halls, Portugal provides no specific training in this field. Culturgest now offers a course in this area, aimed at people already involved in the production of shows. Most of the training will be given in Culturgest's main auditorium, by experienced professionals.

SÃO
LUIZ
Teatro Municipal

EGEAC

D.M II
TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

Loveable

de Plataforma285

DE SEX 24 A TER 28
DE JUNHO

Pequeno Auditório
21h30 (dom às 17h)
Duração: 30m - 2h
12€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M12

Direção artística e dramaturgia Raimundo Cosme **Cocriação e interpretação** Cecília Henriques, Paula Sá Nogueira, Paulo Lages e um *One-Man-Show* **Direção musical e sonoplastia** Isabelle Coelho **Apoio à construção musical** Cláudio Teixeira **Cocriação e cenografia** Rosana Pereira **Cocriação e figurinos** Marta Passadeiras **Desenho de luz** Sara Garrinhas **Maquilhagem** Rúdi Fernandes **Direção de produção** Mariana Sá Marques **Estagiários de produção** Gabriel Lapas, Nuno Violante, Tiago Nunes **Coprodução** Plataforma285, Culturgest **Apoio às residências artísticas** Cão Solteiro, Espaço do Tempo **Apoios** Lx Factory, Sonder

Estou no segundo depois do anúncio. Suspiro e sinto-me incluído: “Vai começar e dependem de mim.” Eles. Os heróis, os que chegam no meio do nevoeiro – sempre o nevoeiro. Belos. Béticos. Prontos para o ataque e eu com tanto amor para dar. O circo está montado e eu, no segundo depois do segundo, interesse-me – é tudo tão interessante! Estou consciente. Sou consciente. Sou um mestre na arte de decidir.

Temo tremer no momento da aplicação do meu direito. Devo intervir. É tudo tão horrível! Doem-me os dedos. Tenho pesadelos com tantos efeitos! E até aqui só mediocridade. Nem uma pontinha de sangue. Bem-vindo ao jogo da vida real. Da arte real. Do nu-artístico. *One day you're in, the next day you're out. Auf Wiedersehen!*

Loveable não pretende ser admissível, aceitável ou suportável. Quer que o amem, que o contemplem, num mundo desligado de discussão. Este é um espetáculo onde a responsabilidade é inteiramente do público. É ele que decide a sua continuação (talvez decida mesmo o seu não-início). Em cena, intérpretes, músicos e cerejas-no-cimo-do-bolo disputam o “tempo de antena”, incitando o público a adorar. Lutam pelo seu interesse. Lutam para serem amados. *Loveable* quer ser interessante – e isso importa?

Originalmente fundada por Raimundo Cosme e Cecília Henriques (atores que já estiveram na Culturgest em *Day for Night* de Cão Solteiro & André Godinho), Plataforma285 (agora com mais quatro cúmplices) é uma companhia que deve o seu nome ao orçamento em euros do primeiro espetáculo que criou, em 2011.

Loveable does not claim to be admissible, acceptable or bearable. It wants to be loved, to be contemplated, in a world that is disconnected from discussion. This is a show where the responsibility is entirely on the side of the audience. It is they who decide upon its continuation (they may even decide upon its non-beginning). On stage, actors, musicians and the icing on the cake all fight over “air time”, inciting the audience to love them. They fight for their own interest. They fight to be loved. *Loveable* wants to be interesting – and does that matter?



© Rosana Pereira

Com Tempo



© Mana

SÁB 25 DE JUNHO

Jardim Norte · 15h
Entrada livre

Para todos os públicos

Consulte o programa completo
em www.culturgest.pt

Com tempo pensa-se melhor. Com tempo valorizamos o que temos. Com tempo não precisamos de grandes eventos. Basta-nos o raro luxo de continuarmos juntos, ao longo do tempo, a salvo das urgências do novo. Com tempo ocupam-se as crianças – tal como os adultos – com criações e propostas partilhadas. Com tempo, olhamos para trás, corrigimos erros e valorizamos o que fizemos bem.

É com esse tempo, tão raro, que revisitamos a programação do serviço educativo. Recuperando muito do que aqui se fez em 2015, às vezes sem tempo, para agora – a seu tempo – dar a quem quiser ver de novo (sem com isso ser novo), a quem quiser ver melhor ou a quem não teve tempo para ver.

Contrariando, talvez, o espírito do nosso tempo, nesta tarde não propomos atividades novas. Ao invés (mas como sempre), propomos uma tarde em torno das artes contemporâneas, ou seja, das artes do nosso tempo. Nesta tarde, recuperaremos algumas das propostas e espetáculos desenvolvidos em trimestres anteriores, reutilizaremos as lonas de divulgação mensal da nossa fachada, anteciparemos espetáculos e oficinas, acarinhando-os em cabanas e espaços habitáveis desenhados por todos e misturando-lhes a nossa habitual dose de boa disposição e proximidade. Esperamos rever-nos por lá, esperamos que haja bom tempo.

With time, we think better and value what we have, not needing great events, just enjoying being together. With time, children (and adults) share creations and proposals. We look back, correct mistakes and value the good things we've done, using this rare time to revisit the programming of our education service in 2015. Counter to the spirit of our time, we don't propose any new activities for this afternoon. Instead, let's spend time looking at contemporary arts – the arts of our time, looking at past shows, anticipating new ones.

Cidade Perdida 0.11

de Mara Castilho



SEX 8, SÁB 9
DE JULHO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h
15€ · Jovens até aos 30 anos
e desempregados: 5€

M12

Na sexta-feira 8, após
o espetáculo, haverá uma
conversa com os artistas
na Sala 1.

Encenação Mara Castilho Performer Sofia Skavotski Música
original Marcelo Vig Vídeos Nelson Enohata Produção MO.TIV
Estreia Novo Bonnie Bird Theatre, Laban Center (Londres)

Um filme que não termina...
Todas as portas abertas... nenhuma saída.
Uma flor de plástico... Um olhar perdido... e um telefone que toca.
Um intrigante espetáculo que une Dança, Teatro e
Vídeo-Instalação num mundo imaginário onde o real e o virtual
interagem numa jornada absurda e hilariante. Concebidas
como curtas-metragens, estas histórias, independentes entre
si, refletem um olhar sobre a solidão, o amor, a indiferença,
a saudade, o medo...

Mara Castilho trabalha nas áreas de vídeo, instalação,
fotografia e *performance*. Tem o Mestrado em Artes (MA Art
& Media Practice) da University of Westminster (Londres),
o BA (Hons) em Dance Theatre do The Laban Centre for
Movement and Dance (Londres) e o Diploma Superior em
Artes Dramáticas da Universidade da Cidade (Rio de Janeiro).
O seu trabalho tem sido apresentado em exposições e em
performances na Alemanha, Bósnia-Herzegovina, Brasil,
Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Itália, Lituânia,
Mónaco, Noruega, Portugal, Reino Unido e República Checa.
Foi nomeada para o BECK'S FUTURES'05 Prémio de Arte no
ICA/Institute of Contemporary Arts (Reino Unido), e recebeu
o Prémio Europeu Massimo Troisi'03 (Itália) de Melhor Filme
e Melhor Banda Sonora com o vídeo-arte *Processo 5703/2000*.

A film that does not end...
All the doors are open... there's no way out.
A plastic flower... A lost glance... and a phone that's ringing.
An intriguing spectacle that brings together Dance, Theatre and
Video-Installation in an imaginary world where the real and the
virtual interact on an absurd and hilarious journey. Conceived
as short films, these stories are independent from one another
and look at solitude, love, indifference, longing, fear...
Mara Castilho's award-winning work has been presented at
exhibitions and performances all over the world.

www.maracastilho.co.uk
motivproductions.webs.com

Trio de Gonçalo Marques + Jacob Sacks

Ciclo “Jazz +351?”

Comissário: Pedro Costa



QUA 13 DE JULHO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M6

Trompete Gonçalo Marques **Contrabaixo** Demian Cabaud
Bateria Bruno Pedroso **Piano** Jacob Sacks

Com uma década de existência, dois discos editados e outro em fase de produção, o Gonçalo Marques Trio tem uma das personalidades musicais mais distintivas da cena jazz nacional, e isso apesar dos diferentes convidados especiais que foi juntando ao núcleo constituído pelo líder trompetista com Demian Cabaud no contrabaixo e Bruno Pedroso na bateria. Foram eles no passado Bill McHenry, José Pedro Coelho e André Santos e é agora Jacob Sacks, figura de destaque em vários circuitos jazzísticos de Nova Iorque, do *mainstream* à vanguarda. O projeto é facilmente reconhecível pela sua utilização de espaços e texturas abertos, com um pendor melancólico, contemplativo e de contenção que dá clara preferência aos tempos lentos e médios, concedendo ao projeto uma dimensão poética muito particular. Essas características definem tanto as composições originais de Marques como as versões do cancionário norte-americano interpretadas “à maneira” do grupo.

O que é como dizer que os temas e os arranjos optam sempre pela simplicidade e o despojamento formal, num geral ambiente de quietude, se bem que haja uma matemática construtiva de evidente rigor. É à improvisação que se deixa o outro lado das abordagens, designadamente o da espontaneidade, da intuição e da interação entre os instrumentistas. A inclusão de Sacks nestes parâmetros surge de forma natural, dada a versatilidade do pianista e a facilidade com que propõe “cores” que não só se integram imediatamente no espírito do grupo como potenciam ainda mais a interação já existente.

Gonçalo Marques Trio have one of the most distinctive personalities on the Portuguese jazz scene, despite the different special guests invited to play with them, this time Jacob Sacks. Their project is marked by their use of open spaces and textures, with a melancholic and contemplative feel and a sense of restraint that shows a preference for slow and medium-paced tempos. Their musical arrangements are always simple and peaceful, despite displaying clear mathematical rigour. Yet, at the same time, their improvisation is based on spontaneity, intuition and interaction between the instruments.

Von Calhau!

RE VOLTA SUBICIDA

QUI 14, SEX 15
DE JULHO

Palco do Grande Auditório
(lotação reduzida)
21h30 · Duração: 45 min.
5€ (preço único)

M12

Von Calhau! é o nome de uma dupla de artistas, Marta Ângela e João Artur, que tem desenvolvido, nos últimos dez anos, um fecundo trabalho de colaboração nas áreas da música e das artes visuais, com múltiplas ramificações e cruzamentos vários, que se vai manifestando em concertos e *performances*, na edição de discos, na realização de filmes e vídeos, numa profusa produção de desenhos e obra gráfica, ou em publicações. Com recurso a esses diferentes meios, e explorando constantemente a miscigenação de referências e elementos das mais diferentes extrações, os Von Calhau! têm vindo a construir um imaginário e uma cosmogonia muito próprios, esotéricos e escatológicos, a partir dos quais interrogam a sua e a nossa condição no mundo. Em 26 de novembro do ano passado, no quadro da sua exposição *oximoroboro*, na Culturgest, realizaram um concerto surpreendente, VOLTA SUBICIDA, que, nas suas palavras, “meteu água, gasolina, eletrónica e voz”. Quase oito meses volvidos, os Von Calhau! regressam a esse concerto; regressam ao movimento ascensional que lhe dava sentido (e direção) e aos mesmos espaços cénicos. Esta sequela poderá ser uma recriação ou variação do concerto anterior, ou poderá dele divergir para se transformar numa outra coisa qualquer. Eles sabem de onde partem, mas ainda é cedo para saberem onde vão chegar.

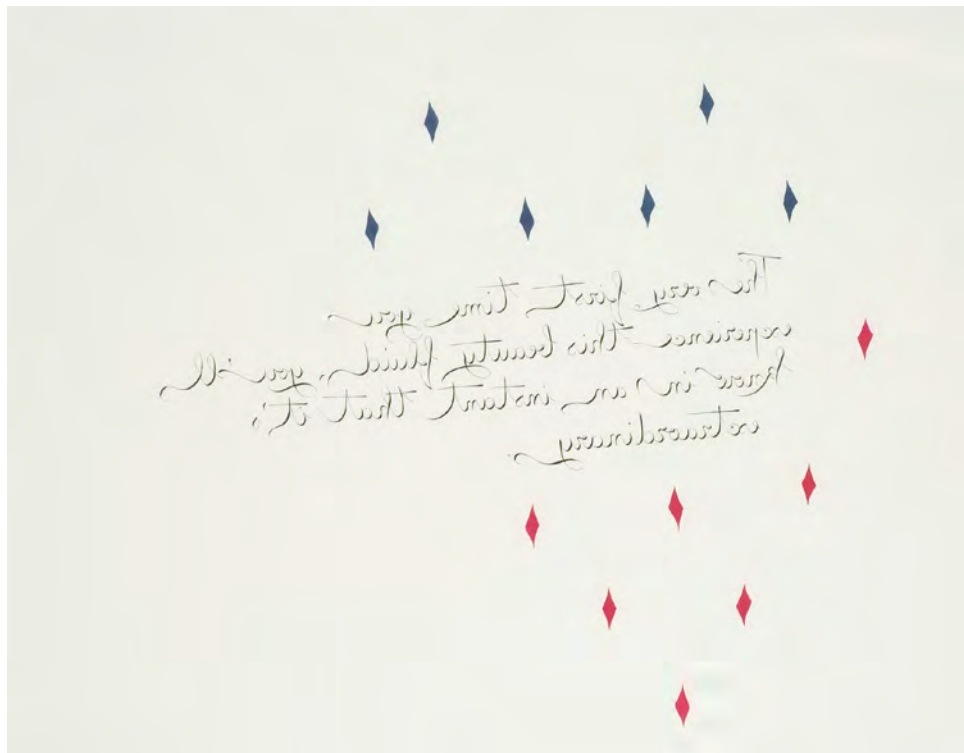
Von Calhau! is the name of an artistic duo, Marta Ângela and João Artur, who, over the last ten years, have been developing a fertile collaboration, with multiple ramifications and various crossovers in the areas of music and visual arts: concerts and performances, films and videos, drawings and silkscreen prints, records and publications. By making use of these different media, and constantly exploring the hybridisation of references and elements drawn from the most varied origins, Von Calhau! have built up their very own esoteric and scatological imaginary and cosmogony, through which they question both their and our condition in the world. Verbal language (playing with words and their meanings) is a generative element that is common to all of their work. On 26 November last year, in the context of their exhibition *oximoroboro*, at Culturgest, Von Calhau! gave a surprising concert, VOLTA SUBICIDA, which, in their own words, “mixed together water, gasoline, electronics and voices”. Almost eight months later, they return once more to that concert, revisiting that upward movement that gave it sense (and direction) and returning to the same scenic spaces. It may be either a recreation or a variation of the previous concert, or it may diverge into something completely different. They know where they are starting from, but it is still too early to know where they will be going to.



He-gassen (pormenor), autor desconhecido, Período Edo (Japão) © Waseda University Library

Guy de Cointet

Who wrote that?



The very first time you experience this beauty fluid..., ca. 1983 · Fotografia: Marc Domage · Cortesia: Air de Paris, Paris

ATÉ 15 DE MAIO

Galeria 1
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

Curadoria Miguel Wandschneider e Eva Wittcox

Foi em Los Angeles, onde se radicou em 1968, que Guy de Cointet (Paris, 1934 – Los Angeles, 1983) produziu a obra pela qual é hoje consensualmente reconhecido no mundo da arte: uma profusa produção de desenhos, obras que tomam a forma democrática do livro, um extenso conjunto de peças teatrais (para as quais escreveu os textos, produziu objetos e dirigiu atores, na sua maioria mulheres). O seu trabalho radica num fascínio pela linguagem e pelos seus usos em contextos tão diferentes como a literatura, a televisão e a rádio, ou as conversas quotidianas; o mesmo é dizer, num fascínio pelas formas e pelos processos da comunicação humana. Guy de Cointet explorou recorrentemente diversos procedimentos de codificação e abstração da linguagem. Enquanto os seus desenhos destabilizam as relações recursivas entre imagem e texto, entre o visível e o legível (inteligível), nas suas peças teatrais ele fabrica, a todo o instante, uma divertida descontinuidade entre o que vemos e o que ouvimos. As suas peças teatrais assentam num estilo muito próprio e inconfundível, pleno de artifício e de humor, caracterizado pela maneira enfática de representação (expressão verbal e gestual dos atores), assim como pelo modo como os objetos são integrados e ativados através do discurso ou da interação física que os atores com eles estabelecem. Desde a retrospectiva de 2004 no MAMCO, em Genebra, Guy de Cointet tornou-se referência maior no campo das artes visuais e fonte de inspiração para um número crescente de artistas. Esta exposição é acompanhada pela apresentação de peças teatrais (ver páginas 34-35).

It was in Los Angeles, where he had settled in 1968, that the artist Guy de Cointet (Paris, 1934 – Los Angeles, 1983) produced the work for which he is widely recognised today in the art world: a profuse production of drawings, works that take the democratic form of the book, and an extensive set of theatre plays (for which he wrote the texts, produced objects and directed the actors, mainly women). At the core of his work lies a fascination with language and its uses in such diverse contexts as literature, television and radio, or everyday conversations; in other words, his fascination for the forms and processes of human communication. Guy de Cointet explored different procedures for the encoding and abstraction of language. While, in his drawings, he destabilises the constant recursive relationship between image and text, between the visible and the legible (the intelligible), in his theatre plays the artist fabricates, at every moment, an intriguing discontinuity between what we see and what we hear. This exhibition is accompanied by the presentation of his plays in the small auditorium and in the gallery itself (see pages 34-35).

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 30 de abril, 17h

Consulte as atividades do
Serviço Educativo em torno
da exposição na pág. 84
deste programa.

Exposição coproduzida
com M – Museum Leuven,
em colaboração com Guy
de Cointet Society e Air
de Paris, Paris.

Belén Uriel



DE 2 DE JULHO
A 2 DE OUTUBRO

Inauguração:
sexta-feira, 1 de julho, 22h

Galeria 1
2€ · **Entrada gratuita**
aos domingos

Curadoria Miguel Wandschneider

Belén Uriel (Madrid, 1974) licenciou-se na Faculdade de Belas Artes da Universidade Complutense de Madrid e fez o mestrado de belas artes no Chelsea College of Art and Design, em Londres, cidade onde viveu e desenvolveu o seu trabalho entre setembro de 2003 e julho de 2008. Nos últimos oito anos, tem vivido e trabalhado a maior parte do tempo em Lisboa, com estadias intercalares em Londres. Duas exposições individuais em Lisboa deram a ver o trabalho de uma artista chegada à maturidade e com uma rara sensibilidade para a escultura: *Pedra, papel e tesoura*, no Pavilhão Branco do Museu da Cidade, entre março e maio de 2013; e *Lama no sapato*, no Parkour, durante três dias de novembro de 2014. As obras aí mostradas, bem como as obras recentes que integram a sua exposição a decorrer atualmente no Museu de Wiesbaden, na Alemanha, revelam um léxico e uma sintaxe perfeitamente consolidados, grande rigor e subtileza na manipulação dos materiais, na construção de formas e superfícies, na definição de dimensões e escalas. As obras de Belén Uriel estão frequentemente indexadas a objetos reais (por exemplo, elementos de arquitetura ou de mobiliário), transformando-os, de forma tão radical quanto subtil, pelos meios e processos da escultura (da arte). Combinando trabalho já mostrado noutras circunstâncias com trabalho recente e inédito, a exposição na Culturgest recobre a prática artística de Belén Uriel nos últimos anos, na sua fase mais produtiva e entusiasmante.

Belén Uriel (Madrid, 1974) took a master's degree in Fine Art at Chelsea College of Art and Design, in London, where she lived and developed her work between September 2003 and July 2008. Two solo exhibitions in Lisbon have made it very clear that Belén Uriel is an artist who has already reached full maturity and displays a rare sensibility for sculpture: *Stone, Paper, Scissors*, held in the White Pavilion of the Museu da Cidade, in Spring 2013; and *Mud on the Shoe*, at Parkour, in November 2014. The works shown there, as well as the recent works included in her exhibition currently taking place at the Museum Wiesbaden, in Germany, reveal a perfectly consolidated lexicon and syntax, great rigour and subtlety in the manipulation of materials, the construction of forms and surfaces, and the definition of dimensions and scales. The works are frequently indexed to real objects (for example, elements from architecture or furniture), transforming them in a way that is both radical and subtle, through the means and processes of sculpture (of art). The exhibition at Culturgest revisits the artistic practice of Belén Uriel over the last few years, in her most productive phase, combining work that has already been shown in other circumstances with her more recent and previously unexhibited pieces.

Conversa com a artista
Sábado, 9 de julho, 17h

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider
Sábados, 10 e 24 de setembro,
18h

Consulte as atividades do
Serviço Educativo em torno
da exposição na pág. 86
deste programa.

Dorota Jurczak



przedstawienie, 2011 · Cortesia Corvi-Mora, Londres

DE 2 DE JULHO
A 2 DE OUTUBRO

Inauguração:
sexta-feira, 1 de julho, 22h

Galeria 2
2€ · **Entrada gratuita**
aos domingos

Curadoria Miguel Wandschneider

Até ao outono de 2015, quando realizou uma exposição individual na Galeria Piktogram, em Varsóvia, o trabalho de Dorota Jurczak (Varsóvia, 1978) permaneceu praticamente desconhecido no seu país de origem. A artista tem vivido, trabalhado e exposto fora da Polónia desde que, em 1999, se mudou para Hamburgo com o objetivo de estudar na Hochschule für bildende Künste. Aí permaneceu vários anos sem terminar o curso de arte, mas fazendo uso intensivo do ateliê de gravura na escola, até se mudar para Bruxelas em 2007, onde viveu e trabalhou durante sete anos. Em 2006 e 2007, o seu trabalho teve um significativo acréscimo de visibilidade no contexto internacional, primeiro com a sua inclusão em exposições coletivas (Van Abbemuseum, em Eindhoven, quarta Bienal de Berlim, segunda Bienal de Sevilha, ou Tate Modern, em Londres), depois com a exposição *The Slimy Trail of Slug and Snail*, em colaboração com o artista alemão Abel Auer, no P.S.1 MoMA, em Nova Iorque. Muitas obras de Dorota Jurczak trazem-nos para um mundo funesto e macabro, uma espécie de teatro da crueldade, povoado por estranhas criaturas, não raramente figuras compósitas entre o humano e o animal, ou entre o humano e o inanimado. Ao longo dos anos, contudo, observa-se uma mudança no seu trabalho, quer no sentido de um crescente apaziguamento na iconografia e no imaginário, sempre intrigantes, que o percorrem, quer no sentido de uma maior depuração em termos formais e expressivos. Esta exposição desvenda a obra excêntrica e fascinante de Dorota Jurczak através de um extenso conjunto de gravuras, objetos e pinturas dos últimos dez anos.

Until October 2015, when she held a solo exhibition at the Piktogram Gallery, in Warsaw, the work of Dorota Jurczak (Warsaw, 1978) was still practically unknown in her country of origin. The artist has lived, worked and exhibited outside Poland ever since she moved to Hamburg in 1999, in order to study at the Hochschule für bildende Künste. She moved to Brussels in 2007, where she lived and worked for seven years. Many of Dorota Jurczak's works depict a mournful and macabre world, a kind of theatre of cruelty, inhabited by strange creatures, frequently composite figures that lie somewhere between human and animal, or between human and inanimate. Over the years, however, one can note a continuous change in her work, in the sense of both an ever greater pacification of her always intriguing iconography and imaginary and a greater refinement in formal and expressive terms. This exhibition unveils the eccentric and fascinating work of Dorota Jurczak through an extensive group of engravings, objects and paintings from the last ten years.

Conversa com a artista
Sábado, 2 de julho, 17h

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider
Sábados, 10 e 24 de setembro,
17h

Consulte as atividades do
Serviço Educativo em torno
da exposição na pág. 86
deste programa.

Francisca Carvalho

Chordata



Big Plastic, 2014

CULTURGEST PORTO

DE 9 DE ABRIL

A 2 DE JULHO

Inauguração:

sexta-feira, 8 de abril, 22h

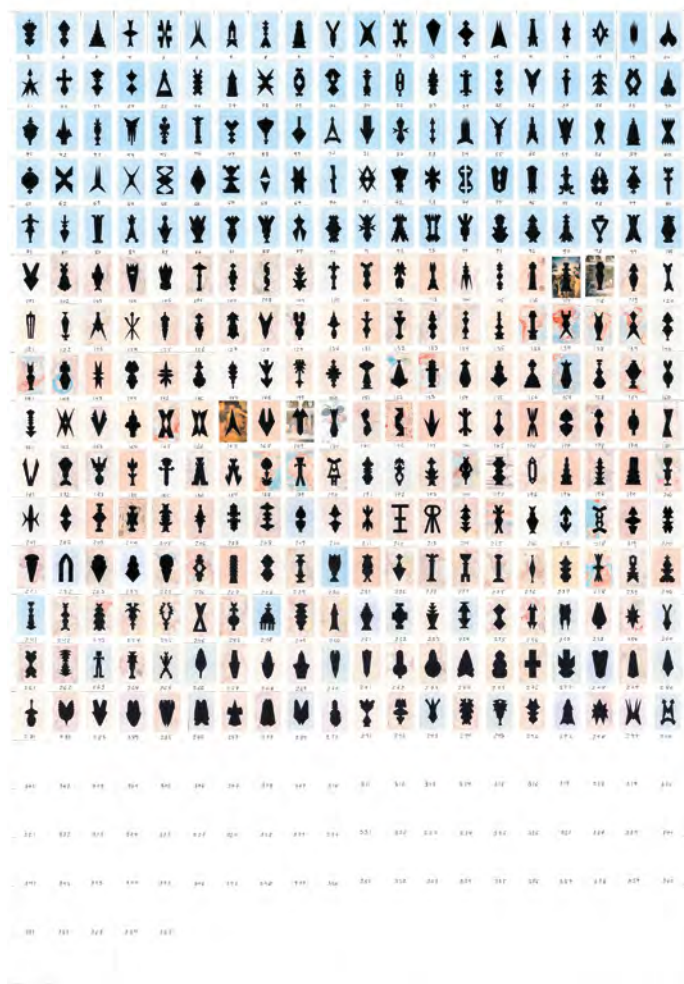
Entrada gratuita

Curadoria Miguel Wandschneider

É compreensível mas lamentável que, no nosso contexto artístico local, vários artistas portugueses permaneçam arredados da atenção e da visibilidade que o seu trabalho justifica. Francisca Carvalho (Coimbra, 1981) é um desses casos flagrantes: a sua obra é em grande medida desconhecida para além de um círculo ainda relativamente confinado de pessoas, em que se incluem alguns artistas da sua geração e ex-alunos e professores da escola Ar.Co, onde em 2005 concluiu a sua formação artística (a artista licenciou-se em filosofia, cinco anos mais tarde, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Francisca Carvalho desenvolveu uma prática obsessiva e muito orgânica de desenho. É muitas vezes um desenho sem premeditação, extremamente veloz, em que a mão se solta e avança rapidamente sobre o papel, quase às cegas; por outras palavras, um desenho em que a contingência do processo e as associações inconscientes tomam frequentemente a dianteira. A exposição *Chordata* é composta sobretudo por desenhos feitos entre 2010 e 2013, na sua maioria inéditos – alguns foram mostrados em duas exposições individuais em Lisboa, *Portmanteau* e *nove desenhos*, respetivamente na galeria Alecrim 50, em 2012, e no Parkour, em 2014. A exposição abrange ainda uma surpreendente e fascinante série de colagens feitas em setembro de 2014, assim que se instalou em Baltimore para frequentar um mestrado em arte multidisciplinar no Maryland Institute College of Art, e beneficiando para esse fim de uma bolsa Fullbright atribuída pela Fundação Carmona e Costa. Desde então, a sua prática artística tem sido pautada pela experimentação de suportes e materiais muito diversos, por vezes encontrados, e por uma nítida inflexão para obras objetuais, suscitando elevadas expectativas relativamente ao trabalho que está por vir.

Francisca Carvalho (Coimbra, 1981) has developed an obsessive and highly organic drawing practice. She often draws without any premeditation, extremely quickly, her hand moving freely and rapidly over the paper, almost blindly; in other words, the contingency of the process and unconscious associations frequently take the lead in her drawing practice. The exhibition *Chordata* is composed above all of drawings made between 2010 and 2013, most of them previously unseen. It also includes an extensive series of collages made during the first month of her stay in Baltimore, where she moved in September 2014 in order to take a Master's degree in multidisciplinary art at the Maryland Institute College of Art.

Eduarda Rosa



Catálogo de *Trans Formas*, 2014-2015

Inauguração:
sexta-feira, 15 de julho, 22h

Entrada gratuita

Eduarda Rosa (Caldas da Rainha, 1949) tem uma carreira artística atípica e ainda incipiente. Licenciada em farmácia, doutorada em química orgânica no Imperial College, em Londres, teve uma longa carreira docente na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, a que pôs termo em 2005. Cinco anos antes, iniciou um período prolongado de formação artística, sobretudo na escola Ar.Co, que concluiu em 2012. Realizou a sua primeira exposição individual, *Trans Formas*, em novembro de 2014, no Espaço AZ, em Lisboa, a que se seguiu, um ano mais tarde, *GTF.des*, no Museu Geológico. Da sua formação académica e atividade profissional a artista herdou a disciplina de trabalho e uma nítida inclinação para a sistematização, que no seu processo criativo se conjugam com uma abordagem intuitiva a um mundo em constante expansão de formas (figuras), composições, cores e materiais. Durante dois anos, a artista inventariou, numa folha de papel, um conjunto de 365 figuras baseadas em formas preexistentes, encontradas em livros ou ao sabor das observações quotidianas, e que processa constantemente e de diversas maneiras em desenhos, colagens e esculturas. Algum do seu melhor trabalho consiste em desenhos-colagens em que uma dessas formas é preenchida por uma acumulação de pequenas figuras recortadas de livros antigos (dicionários e atlas, livros de zoologia, botânica ou medicina, entre outros), na sua maioria datados dos finais do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Isso e muito mais pode ser visto nesta exposição.

Eduarda Rosa (Caldas da Rainha, 1949) has had an atypical artistic career. A graduate in Pharmacy, with a PhD in Organic Chemistry from Imperial College, London, she enjoyed a long teaching career at the Faculty of Pharmacy of the University of Lisbon, which she brought to a close in 2005. Five years earlier, she had embarked on a prolonged period of artistic training, above all at the Ar.Co school, which she completed in 2012. She subsequently held her first individual exhibition, *Trans Formas*, in November 2014, at Espaço AZ, in Lisbon, followed a year later by *GTF.des*, at the Museu Geológico. From her academic training and professional activity, the artist had inherited the discipline of concentrated work and a clear inclination towards systematisation, which, in her creative process, are combined with an intuitive approach to a constantly expanding world of forms (figures), compositions, colours and materials. Some of her best work consists of drawings-collages in which a certain form is filled with an accumulation of small figures cut out of old books (dictionaries and atlases, and books on zoology, botany or medicine, among others), mostly dating from the late nineteenth century and the early decades of the twentieth century. This and so much more can be seen at this exhibition.

Palácio de Espanto

Em torno da Coleção da Caixa Geral de Depósitos



Sérgio Carronha. *slippery slope*, 2015 · Cortesia do artista

**MUSEU MUNICIPAL
DE TAVIRA / PALÁCIO
DA GALERIA**
DE 15 DE MAIO
A 30 DE SETEMBRO

Inauguração:
Sábado, 14 de maio, 16h

**Museu Municipal de Tavira /
Palácio da Galeria**
Calçada da Galeria
8800-306 Tavira
Tel. 281 320 540
Horário: de 3ª feira a sábado
das 9h às 16h30
Encerra: domingo, 2ª feira
e feriados

Entrada: 2€
Até aos 7 anos: gratuito
Dos 8 aos 18 anos, mais de 65
anos, estudantes: 1€

Curadoria Bruno Marchand Artista convidado Sérgio Carronha

Palácio de Espanto é a primeira de um ciclo de três exposições coletivas que partilham um mesmo tema, uma mesma estrutura e um mesmo objetivo. Partindo de uma seleção de peças da Coleção da Caixa Geral de Depósitos, estas exposições propõem-se acolher ainda obras inéditas de artistas convidados e artefactos provenientes dos espólios de cultura material das respetivas regiões anfitriãs. Com esta teia de encontros pretende-se não só confrontar a Coleção da CGD com objetos de outros universos e de outras idades, mas sobretudo restituir à arte algo que a atual profusão de imagens e o crescente pendore retórico dos discursos contemporâneos lhe vêm anulando: o seu pleno poder simbólico.

A noção de *espanto* que preside a este ciclo sublinha isso mesmo: a vontade de responder ao atual esgotamento da imagem através da recuperação do enigma do ícone, da reposição do instante mágico que faz do corpo da imagem o lugar de uma passagem para o transcendente. Por outro lado, ele sublinha também a vontade de contrapor à retórica vigente a dúvida e a estranheza, o irracional e a superstição, como meios para o culto de uma espécie de infra intelecto, morada da incerteza e da pulsão. Neste espaço de alternativa esperamos ver despontar o ambíguo e o inominável, esperamos assistir à formação de um território onírico, onde seja possível recuperar e preservar a centelha antiga da surpresa e do supra natural, a matéria de que é feita a expressão confusa, rara e irredutível de um *espanto*.

Bruno Marchand

Palácio de Espanto (Palace of Awe) is the first in a cycle of three group exhibitions that share the same theme, the same structure and the same objective. Starting with a selection of pieces from the Coleção da Caixa Geral de Depósitos, these exhibitions also incorporate other previously unseen works by guest artists, as well as artefacts originating from collections embodying the material culture of the respective host regions. In putting together this tangled web of encounters, the aim is not only to contrast the Coleção CGD with objects from other origins and ages, but to return to art something that has slowly been taken away from it by today's profusion of images and the increasingly rhetorical nature of contemporary discourses: its undeniable symbolic power. (Bruno Marchand)

Crianças

Epicentro – Para pais e bebés Pág. 82

IndieJúnior Pág. 83

Jardim-Poema Pág. 85

Férias de verão na Culturgest Pág. 87

Celebra o teu dia de anos com arte Pág. 88

Adultos e jovens

Pedimos desculpa pelo incómodo causado... Pág. 80

Aulas e oficinas de arte contemporânea... Pág. 81

Guy de Cointet – Exposição Pág. 84

Jardim-Poema Pág. 85

Belén Uriel e Dorota Jurczak – Exposições Pág. 86

Famílias

Epicentro – Para pais e bebés Pág. 82

IndieJúnior Pág. 83

Jardim-Poema Pág. 85

Professores e educadores

IndieJúnior Pág. 83

Guy de Cointet – Exposição Pág. 84

Grupos escolares

Epicentro – Para pais e bebés Pág. 82

IndieJúnior Pág. 83

Guy de Cointet – Exposição Pág. 84

Belén Uriel e Dorota Jurczak – Exposições Pág. 86



Habitáculos, de Ana Teresa Magalhães e Patrícia Freire - Verão de 2014 © Mana

Pedimos desculpa pelo incómodo causado: programa de jovens

ENCONTROS

Destinatários:
jovens dos 17 aos 21 anos

Sextas-feiras
de 1 a 29 de abril; de 6 a 27 de maio; 3, 17 e 24 de junho

As sessões de 8 de abril, 13 de maio e 17 de junho são públicas, abertas a outros jovens.

Sala 2, 14h · Duração: 2h30
Sessões gratuitas
Lotação: 60 participantes
Inscrição obrigatória

Reservas
21 761 90 78 ou através do nosso e-mail

No início eram *Sem título (por enquanto)*. Agora *Pedimos desculpa pelo incómodo causado*.

Em janeiro de 2016 lançámos o desafio. Convidámos para um encontro, jovens das mais variadas áreas científicas e artísticas, socialmente ativos, com um ou mais interesses em comum, com conhecimentos para partilhar e vontade de aprender de forma livre, não remunerada, num projeto de continuidade e que requeria sentido de compromisso. Por imperativo metodológico, nada mais era dito. Nem mesmo o dia dos encontros ou a duração do projeto. Mais do que gerar expectativas comuns, queríamos inventar possibilidades de encontro em torno das artes, à margem das lógicas hierárquicas e de poder, assente nas subjetividades dos participantes, criando um lugar que não concorre, e muito menos compete, com a escola, com o museu, com a associação de estudantes ou com a equipa desportiva.

Em fevereiro de 2016 começámos as reuniões semanais e, da forma mais democrática possível, escolhemos um novo nome. Nestes encontros há tarefas semanais da responsabilidade de cada membro e não há mesas ou cadeiras fixas no espaço. Por decisão do grupo, há um código de respeito mútuo e não há punições. Conversa-se com membros da equipa e artistas, realizam-se dinâmicas de grupo sobre gestão e organização de instituições culturais, pensa-se e ri-se (bastante), discute-se (muito), partilha-se (mais ainda) e, se tudo correr de forma favorável, algo se irá aprender e (talvez) propor.

8 de abril Miguel Lobo Antunes

13 de maio Gil Mendo

17 de junho Francisco Frazão

Informações e inscrições: www.culturgest.pt/se



© Mana

Aulas e oficinas de arte contemporânea, à hora de almoço

OFICINAS

Destinatários:
adultos e jovens a partir dos 12 anos

12h30 · Galerias 1 e 2
Duração: 1h30
3€ por sessão
Mínimo: 10 participantes
Máximo: 25 participantes

Reservas

21 790 51 55

Escrita criativa

Quartas 6, 13, 20 e 27 de abril

Conceção e orientação Carlota Gonçalves

Um encontro com peças de arte torna-se o cenário privilegiado para exercícios expressivos de escrita. O participante é levado a captar ambientes, a expandir o olhar e transportá-lo para textos de variados estilos. O universo da exposição será objeto de apropriação, interpretação e reflexão, revelando motes que conduzem a possibilidades ficcionadas. Uma relação a descobrir, entre o visível e o dizível.

Expressão visual

Quintas 21, 28 de abril, 5 e 12 de maio

Conceção e orientação Patrícia Freire

Como pode uma exposição despertar a expressão visual do observador?



© Mana

Epicentro – Para pais e bebés

INSTALAÇÃO

Destinatários:

famílias e creches (crianças dos 6 meses até aos 3 anos)

Creches:

2,50€ (gratuito para acompanhantes)

Lotação: 1 turma

Marcação prévia

Famílias:

3,50€ (por pessoa)

Lotação: 25 participantes

Sala 3

Duração aprox. 1h

Reservas

Famílias: 21 790 51 55

Creches: 21 761 90 78

Criação e conceção Nuno Figueira, Rita Sales e Susana Alves

Produção Serviço Educativo da Culturgest

Desejámos apresentar o mundo das artes aos mais novos. Para tal, desde novembro de 2015, criamos uma série de instalações ou ambientes de luz, som e imagem. Para que os novos no mundo possam ser os novos na arte, sentimos vontade de lhes apresentar as nossas artes (ainda enquanto são novas) e como as vemos e queremos partilhar.

Neste conjunto de propostas mensais, não pretendemos esgotar o mundo das artes, nem superar o mundo da educação, mas antes ensaiar uma alternativa de mundo, uma que só as artes possam propor e que, em igualdade de disponibilidade, só a primeira infância possa abraçar.

Creches:

Sex 8 de abril e 13 de maio · 10h

Famílias:

Sáb 9 e dom 10 de abril; sáb 14 e dom 15 de maio · 10h30 e 16h



© Rita Sales

IndieJúnior

OFICINAS

Destinatários:

famílias, professores e escolas (maiores de 3 anos)

Sala 2

Escolas: 2,50€ (gratuito para acompanhantes)

Famílias: 3,50€ (por pessoa)

Marcação prévia

Lotação: 30 participantes

Reservas:

Famílias: 21 790 51 55

Escolas e professores:

21 761 90 78

Oficinas inspiradas nos filmes apresentados no IndieJúnior

Conceção e orientação Nuno Bernardo e Patrícia Gomes

Anima-te a ti mesmo!... e à tua família Famílias

Vamos deitar-nos numa manta, relaxar e inventar atores animados. A nossa história é como um sonho acordado que parte da imaginação para se lançar numa aventura a duas dimensões. Em família somos uma equipa de rodagem cheia de pinta, ideias e com muitas estrelas.

Sáb 23 abril · 14h30-16h · Maiores de 7 anos

Dom 24 abril · 16h-17h · Todas as idades (ao ar livre)

Sáb 30 abril · 14h30-16h · Maiores de 3 anos

O nosso filme é como um grão Escolas

Com pontos, riscos, manchas e movimentos, vamos fazer filmes onde os pixéis das imagens são pintados por grãos de areia. A areia está viva: arrastar, afastar, aproximar, cobrir, revelar e compor são algumas fases destes filmes só possíveis de fazer com muita animação.

Sex 22, qua 27, sex 29 abril · 9h30-10h30 · Maiores de 3 anos

Ter 26, sex 29 abril · 15h30-16h30 · Maiores de 6 anos

Oficina disponível para ir à escola, em horário a combinar.

ENCONTRO

Destinatários:

exclusivo a professores

Sábado, 9 de abril

das 15h às 17h · Sala 2

Entrada gratuita

Marcação prévia obrigatória

Lotação: 30 participantes

Reservas:

21 761 90 78

Antevisão do IndieJúnior

Orientação Nuno Sena (diretor do IndieLisboa)

e Mariana Caramujo (realizadora de *Putos da Estrela*)



Guy de Cointet – Exposição

VISITAS JOGO

Destinatários:
escolas

Duração: 1h · 1€
Lotação: 45 participantes

Reservas
21 761 90 78 ou através
do nosso e-mail

OFICINAS

Destinatários:
escolas

Duração: 2h30 · 2,50€
Lotação: 20 participantes

VISITAS

Destinatários:
adultos

Galeria 1
Duração: 45 minutos
Marcação prévia
Ponto de encontro:
bilheteira

Para mais informações
sobre a exposição consulte
as páginas 64 e 65.

Espionagem na galeria Pré-escolar e 1.º ciclo

Conceção Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães e Leonor Cabral
Nas paredes da galeria escondem-se mensagens, segredos que ganham forma nos desenhos, nas esculturas e nas cores! Que enigmas estão escondidos aqui dentro, consegues descobrir?
Palavras-chave: Letras, Palavras, Decifrar, Desenho, Enigma, Código, Grafismo, Cores, Direções

Códigos em construção 2.º e 3.º ciclos

Conceção Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães e Leonor Cabral
E se inventássemos outra linguagem para olhar e comunicar? Nesta visita à galeria vamos decifrar os códigos criados pelo artista Guy de Cointet, ter conversas codificadas e encontrar caminhos para construir significados, colocando o nosso corpo em ação.
Palavras-chave: Código, Letras, Palavras, Decifrar, Cores, Grafismo, Performance, Corpo, Linguagem, Comunicar

Qual é a mensagem escondida? Do pré-escolar ao 3.º ciclo

Conceção Ana Nunes, Ana Teresa Magalhães e Leonor Cabral
Era uma vez uma letra, que pertencia a uma palavra, que pertencia a uma frase, que pertencia a uma mensagem. Mas qual?! Vamos procurar a chave para decifrá-la transformando o mundo das letras, dos símbolos e dos objetos numa experiência visual e corporal.
Palavras-chave: Código, Letras, Palavras, Decifrar, Desenho, Enigma, Cores, Caminhos, Criptografia, Corpo, Escultura

Visitas gratuitas à hora de almoço

Quinta 14 de abril, 12h10



© Mana

Jardim-Poema

VISITA OFICINA

Destinatários:
famílias, escolas e ATL

Jardim Norte

Famílias:
Sábados e domingos
21 e 29 de maio; 4, 19, 25
de junho; 11 de setembro
16h · Duração: 2h · 3,50€

Escolas e ATL
(maiores de 6 anos)
De seg 20 a qui 30 de junho
10h30 e 14h30 (no período
de 21 a 24 de junho não há
sessões às 14h30)
Duração: 2h · 2,50€ (gratuito
para acompanhantes)

Marcação prévia
Lotação: 30 participantes

Reservas
Famílias: 21 790 51 55
Escolas e professores:
21 761 90 78

Conceção e orientação Ana Teresa Magalhães e Sílvia Moreira

Descobrir poesia no jardim e jardins na poesia é a proposta a todos os participantes das visitas-oficinas *Jardim-Poema*. Este projeto artístico convoca a natureza e a produção poética de escritores portugueses através de um percurso pelo espaço ajardinado da Culturgest, onde é explorada a sua história, o seu projeto arquitetónico, a flora e a fauna que nele habitam. Em tom de tertúlia, serão lidos poemas que se relacionam com o cenário envolvente e com as experiências vividas em cada paragem. Convida-se a sentir e a conhecer o jardim, as suas plantas, cores, os seus cheiros, as texturas, os sons, juntando à percepção poemas que refletem essas mesmas sensações e vivências.

A segunda parte deste encontro terá um carácter oficial. Cada participante criará um pequeno jardim portátil onde serão semeadas ou transplantadas espécimes de plantas. Os poemas lidos durante o percurso servirão de matéria-prima: cortados, recortados e montados criativamente, transformam-se em novas criações poéticas que farão parte destes pequenos jardins, como ramagens, folhagens ou sinaléticas. Após o processo de jardinar plantas e palavras, cada participante levará consigo o seu recém-criado objeto poemático e um caderno com os poemas explorados, notas e cuidados a ter para a manutenção do *Jardim-Poema*.

Alguns poetas inspiradores: Luís de Camões, Fernando Pessoa / Alberto Caeiro, Cesário Verde, Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner Andresen, António Nobre, António Ramos Rosa, Fíama Hasse Pais Brandão, Ana Hatherly e Salette Tavares.



© Ana Teresa Magalhães

Belén Uriel e Dorota Jurczak – Exposições

VISITAS

Destinatários:
adultos

Duração: 45 minutos
Marcação prévia
Ponto de encontro: bilheteira

Para mais informações
sobre as exposições consulte
as páginas 66 a 69.

VISITAS JOGO

Destinatários:
escolas e ATL

Duração: 1h30 • 0,50€
Lotação: 90 participantes

Reservas
21 761 90 78 ou através
do nosso e-mail

Visitas gratuitas à hora de almoço

Belén Uriel · Galeria 1
Quarta 29 de junho, 12h10 · Quinta 7 de julho, 13h10

Dorota Jurczak · Galeria 2
Quinta 30 de junho, 13h10 · Quarta 6 de julho, 12h10

Programa de atividades sobre arte contemporânea, nas férias de verão, ideal para grupos em colónias de férias e atividades de tempos livres. Visita em torno de temáticas e expressões artísticas características da arte contemporânea.

Visita jogo dos 5 aos 11 anos

Conceção Nuno Bernardo, Patrícia Freire e Susana Alves
Bem-vindo a esta viagem! Vamos passear neste edifício, coisa que parece tarefa fácil mas muito há por descobrir e enaltecer... Existem segredos escondidos e curiosidades guardadas, numa caixa muito especial damos-te pistas, charadas e com olhos de artista vais conseguir descobrir o que existe por saber neste maravilhoso lugar.

Palavras-chave: Caixa, *Cadavre exquis*, Espaço, Relação, Construção, Descoberta, Grupo

Visita jogo dos 11 aos 16 anos

Conceção Nuno Bernardo, Patrícia Freire e Susana Alves
Um jardim por descobrir... As formas ocupam um espaço, o nosso corpo ocupa outro e quais as diferenças e as semelhanças entre mim e este lugar? As texturas que trazes contigo reconhecem as que cá habitam, vamos olhar para as formas e cores com destreza de artista e perspicácia de realizador e novos enquadramentos inventar... Propomos até novas formas criar...

Palavras-chave: Imaginação, *Stop motion*, *Land Art*, Interior / Exterior, Apropriação, Corpo, Movimento, Desenho, Recriação

Férias de verão na Culturgest

OFICINAS

Destinatários:
dos 6 aos 8 (6 anos feitos até 31 de dezembro) e dos 9 aos 12 anos (9 anos feitos até 31 de dezembro)

De seg 20 a sex 24 de junho
De seg 4 a sex 8 de julho
De seg 11 a sex 15 de julho
De seg 18 a sex 22 de julho
De seg 5 a sex 9 de setembro

Manhãs: das 10h às 13h
Tardes: das 14h30 às 17h30
40€ (5 manhãs ou 5 tardes)
Marcação prévia
Lotação: 15 participantes

As oficinas que ocupam o dia inteiro têm disponível um serviço de acolhimento para as crianças que quiserem trazer almoço de casa. Lotação limitada. É necessária marcação prévia.

Prolongamento de horário:
Manhãs: das 9h às 10h
Almoço: das 13h às 14h30
Tardes: das 17h30 às 18h30
1€ (valor por prolongamento)
Mínimo: 5 participantes.

Desconto de 30% na inscrição do segundo filho ou para filhos de colaboradores da CGD (desconto incide sobre o menor valor e não é acumulável ou aplicável ao almoço e/ou prolongamento de horário). Desconto de 50% para filhos de desempregados.

Laboratórios de espetáculos em fase criação

Nestas oficinas propomos às crianças que contactem com os artistas que vão conceber e apresentar alguns dos espetáculos para famílias da nossa programação de junho a dezembro de 2016.

Inscrições e programa completo a partir de 5 de maio em www.culturgest.pt/se



© Mana

Celebra o teu dia de anos com arte

OFICINAS

Destinatários:
dos 5 aos 12 anos

Duração: 2h30 · 170€
Lotação: 20 participantes
Não há descontos

Qualquer atividade de festa de anos inclui:
– Oficina em sala com mesa para o lanche que os pais queiram trazer
– 1 artista orientador e 1 assistente
– Uma atividade para adultos na galeria 1h30 (marcação prévia)

Reservas
21 761 90 78

Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Num espírito lúdico e suavemente educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa através do e-mail culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Enquanto os mais novos se divertem...

Convide os outros pais para uma atividade (gratuita) na galeria. A atividade termina um pouco antes do final da oficina das crianças.

Entre abril e agosto, os colaboradores do Serviço Educativo são:

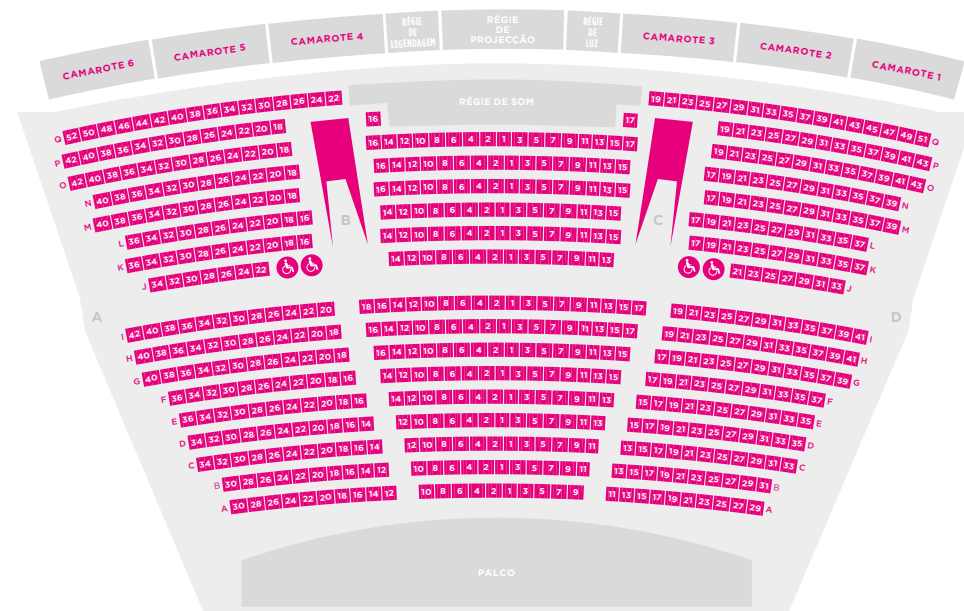
Ana Nunes (teoria e filosofia da arte)
Ana Teresa Magalhães (artista plástica)
Bruno Marques (teoria da arte)
Carlota Gonçalves (escrita criativa)
Catarina Lacerda (encenadora)
Cláudia Pereira (estagiária)
Gonçalo Alegria (músico)
Irina Raimundo (artista plástica)
Joana Barros (atriz)
João Belo (produção)
Leonor Cabral (atriz)
Luísa Fonseca (apoio à produção)
Mana (fotografia)
Mariana Caramujo (realizadora)
Marina Nabais (bailarina e coreógrafa)
Nádia Gomes (estagiária)
Nádia Luís (estagiária)
Nuno Bernardo (realizador)
Nuno Figueira (iluminação e vídeo)
Patrícia Carvalho (coordenadora do grupo de jovens)
Patrícia Freire (artista plástica)
Patrícia Gomes (realizadora)
Raquel Ribeiro dos Santos (coordenação)
Rita Sales (performer)
Sílvia Moreira (artista plástica)
Susana Alves (artista educadora)
Susana Madeira (atriz)
Teresa Vaz (atriz e apoio à produção)



© Mana

Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt
Horário de atendimento telefónico: das 9h30 às 11h30 e das 16h às 17h



Grande Auditório

Galerias

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última admissão às 17h30).
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Encerram à segunda-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

Bilheteiras

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições a bilheteira está aberta todos os dias das 11h às 19h.

Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

Durante o mês de agosto, a bilheteira do átrio de entrada estará encerrada.

Assinaturas

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

Descontos

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold, Visabeira Exclusive, Caixa Woman, Caixa Drive e Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã e Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€ Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

Livraria

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

Cafetaria

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

Culturgest

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 54 54

Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756*
Campo Pequeno / Av. República 727,* 736, 738, 744, 749,* 754,* 783; Praça Londres 722, 767
Av. Roma: 735, 767
*A carreira 756 só funciona ao sábado de manhã. Durante sábados, domingo e feriados as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona do Campo Pequeno.

Culturgest Porto

Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30 às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

Informações e reservas

Bilheteira Culturgest

21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações: 1820 (24 horas)
Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Acesso a pessoas de mobilidade reduzida

Áreas acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a pessoas de mobilidade reduzida sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

Lembramos que não é permitido gravar nem fotografar os espetáculos. Não se esqueça de desligar o telemóvel: a luz dos ecrãs perturba os artistas e o público.

Informações 21 790 54 54
culturgest.ac@cgd.pt · www.culturgest.pt

© Fernando Guerra | FG+SG

Venha conhecer
os nossos espaços

Apoios:



Apoio na divulgação:



As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.

Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber a programação da Culturgest
envie-nos um e-mail para culturgest.newsletter@cgd.pt
ou inscreva-se na nossa mailing list em www.culturgest.pt.

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h
(última admissão às 17h30).
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h
(última admissão às 18h30).
Encerram à segunda-feira.
Cuias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos
Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRAS

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada
De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora
de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições
a bilheteira está aberta todos os dias
das 11h às 19h.

Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em
que não há exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 54 54
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756*
Campo Pequeno / Av. República 727* 736,
738, 744, 749,* 754,* 783; Pç. Londres 722, 767;
Av. Roma: 735, 767

* A carreira 756 só funciona ao sábado de
manhã. Durante sábados, domingo e feriados
as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona
do Campo Pequeno.

CULTURGEST PORTO

Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30
às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Tickeline Reservas e informações: 1820 (24h)
Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria
Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,
C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,
Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

ABRIL AGOSTO 2016

CALENDÁRIO

Culturgest
uma casa do mundo